Jean GENET

A Varanda

COLECÇÃO PRESENÇA / NOVA SÉRIE

A VARANDA

PRESENÇA/NOVA SÉRIE:

1. O PROCESSO, por Franz Kafka (adaptação teatral)
2. MOLLOY, por Samuel Beckett
3. OS DADOS ESTÃO LANÇADOS, por Jean-Paul Sartre
4. OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE, por Marquês de Sade
5. NARRATIVA CUBANA, por vários
6. AS MOSCAS, por Jean-Paul Sartre
8. A MADONA, por Natália Correia
9. O PERCEVEJO, por V. Maiakowsky
10. FAXELANGE OU OS MALES DA AMBIÇÃO, por Marquês de Sade
12. DRÁCULA, por Bram Stoker
13. AS CRIADAS, por Jean Genet
14. O ALICATE, por Armando da Silva Carvalho
15. O AMOR, por Marguerite Duras
16. A ENGRENAGEM, por Jean-Paul Sartre
17. MORTOS SEM SEPULTURA, por Jean-Paul Sartre
18. A VARANDA, por Jean Genet

JEAN GENET

A VARANDA

(LE BALCON)

Tradução de
ARMANDO DA SILVA CARVALHO

EDITORIAL PRESENÇA • LIVRARIA MARTINS FONTES
PORTUGAL BRASIL

Título original
LE BALCON

Capa de *F. C.*

COMO REPRESENTAR «A VARANDA»

Em Londres, no *Arts Theatre* vi representarem *A Varanda* bastante mal. O mesmo aconteceu em Nova Iorque, em Berlim e em Paris, segundo me disseram. Em Londres, o encenador tinha a intenção de gozar com a monarquia inglesa, sobretudo com a rainha, e na cena do General e do Cavalo, procurou satirizar a guerra: o cenário era de arame farpado.

Arame farpado num bordel de luxo!

Em Nova Iorque, o encenador omitiu pura e simplesmente tudo o que se referia à revolução.

Em Berlim: um primeiro encenador, um refinado prussiano, tinha tido a ideia de transformar o aparelho que permite a madame Irma ver e ouvir o que se passa em cada um dos seus salões, numa espécie de televisor, a cores, onde os espectadores podiam ver o que madame Irma descrevia. Outra ideia do indivíduo, também germânica: vestuário 1900 para toda a gente!

Em Paris: O general é almirante ou membro do Instituto. Madame Irma, ou melhor a actriz encarregada do papel, recusa-se a aparecer quando o pano sobe e exige que nas primeiras cenas seja Carmen a falar. As actrizes substituem palavras e o encenador corta o texto.

Em Viena, em Basileia, já nem sei, ou nunca cheguei a saber.

O palco rotativo, em Paris, era uma parvoíce. O que eu quero é que os quadros se sucedam, que os cenários se desloquem da esquerda para a direita, como se fossem encaixar-se uns nos outros, à vista do espectador. A minha ideia é, portanto, bastante clara.

Nas quatro cenas do início, quase tudo deve ser representado exageradamente; no entanto, há algumas passagens em que o tom deve ser o mais natural possível a fim de que o exagero seja ainda mais evidente. Em suma, nada de equívocos, trata-se apenas de dois tons que se opõem.

Mas a partir da cena de Irma com Carmen, pelo contrário, e até ao fim, deverá encontrar-se um tom de dicção *permanentemente* equívoco, permanentemente falseado.

Os sentimentos dos protagonistas, inspirados pela situação, são fingidos ou são

reais? O ódio que, no fim da peça, o Chefe da Polícia tem às Três Figuras é fingido ou real? A existência dos revoltosos é *dentro* ou fora do bordel? É preciso manter o equívoco até ao fim.

O autor da peça — justamente a propósito da última cena — gostaria que não se cortasse ou se abreviasse qualquer explicação a pretexto de se ser mais rápido, de se ser mais claro, ou de que tudo já foi dito antes, ou de que o público já compreendeu ou pode aborrecer-se.

As actrizes não devem substituir as palavras do texto por outras mais suaves. Podem muito bem recusar-se a representar a minha peça — serão substituídas por homens. Se não querem dizer o meu texto, ao menos digam as palavras ao contrário.

Procurar fazer com que seja sensível a rivalidade que parece existir entre Irma e Carmen. Quero dizer: quem dirige — a casa e a peça? Carmen ou Irma?

Tive a ideia de fazer com que as Três Figuras fundamentais se movessem sobre altos coturnos. Mas como é que os actores vão conseguir andar sem partir o nariz e sem pisar as fraldas e rendas das vestimentas? Eles que se arranjem!

O fato de Irma deve ser, no início da peça, muito severo. Poderá até ser um fato

de luto. Só na cena com Carmen é que ela se enfeitará para passar a usar esse vestido comprido que, na cena da Varanda, se transformará, graças a alguns adereços, no vestido da Raínha.

Ao contrário do que sucedeu em Paris, as Três Figuras (Bispo, Juiz, General) devem trazer os uniformes e vestimentas que usam nos países onde a peça for representada. Os trajos podem ser excessivos, mas não devem ser irreconhecíveis.

Mas não direi sempre mal: assim, em Londres, o encenador teve uma ideia: a actriz que fazia de cavalo desenhava, com todo o carinho, uns bigodes no General, enquanto ia falando.

Os fotógrafos (do último quadro) devem ter o aspecto e as maneiras da malta jovem e mais rebelde que existe no país e na época em que a peça for representada.

Será necessário inventar um tipo revolucionário, em seguida pintá-lo ou modelá-lo numa máscara, porque não vejo ninguém, nem mesmo entre os protestantes lioneses, que têm a cara bastante comprida, triste e selvagem, que possa desempenhar o papel. A fixidez das máscaras talvez não seja má ideia. Mas nada mais deve ser alterado nesta cena.

Irma e o Chefe da Polícia, nos breves instantes em que estão sós, devem revelar uma velha ternura. Porquê, não sei.

O que acabo de escrever não se destina, evidentemente, aos encenadores inteligentes. Esses sabem o que devem fazer. Mas, os outros?

Outra coisa ainda: esta peça não deve ser representada como se fosse uma sátira a isto ou àquilo. Esta peça é — e assim deve ser representada — a glorificação da Imagem e do Reflexo. O seu significado — satírico ou não — só neste caso poderá compreender-se.

A VARANDA

PRIMEIRO QUADRO

CENÁRIO

No tecto, um lustre que será o mesmo em todos os quadros.

O cenário deve dar a ideia de uma sacristia, formada por três biombos de cetim côr de sangue.

No biombo do fundo deve haver uma porta.

Por cima, um enorme crucifixo espanhol.

No biombo da direita deve haver um espelho — com moldura dourada e trabalhada. O espelho reflecte uma cama desfeita que, se a divisão estivesse disposta logicamente, se encontraria na sala, precisamente nas primeiras filas da plateia.

Uma mesa com um jarro em cima.

Um poltrona amarela.

Em cima da poltrona, umas calças pretas, uma camisa e um casaco.

O Bispo, com a mitra e a capa de asperges dourada, está sentado na poltrona.

É manifestamente maior que o normal.

O papel deve ser desempenhado por um actor que andará em cima duns coturnos de trágico com cerca de 50 cm de altura.

Deve ter os ombros extremamente largos de forma a que pareça, quando o pano subir, desconforme e inteiriçado: um espantalho desconforme e inteiriçado.

A cara, excessivamente caracterizada.

A seu lado, uma mulher bastante nova, muito pintada, metida num roupão de renda, enxuga as mãos a uma toalha. (Não quero dizer que se esfregue.)

De pé, outra mulher de cerca de quarenta anos, morena, rosto severo, num saia-e-casaco preto e simples[1]*. É Irma. Traz um chapéu na cabeça. Um chapéu de fitas apertadas com um francalete, à volta da cara.*

O BISPO, *sentado na poltrona, no meio do palco, com voz surda, mas ardente:*

Na verdade, o que deve definir o verdadeiro prelado, não é tanto a doçura e a

[1] Não. Francamente, prefiro um vestido preto, comprido e chapéu preto, sem véu.

unção, mas a mais rigorosa inteligência. O coração perde-nos. Julgamos ser senhores da nossa bondade: e acabamos escravos duma serena indolência. Mas não é bem de inteligência que se trata. É de outra coisa... *(Hesita.)* Talvez de crueldade. E para lá desta crueldade — e através dela — uma caminhada hábil, vigorosa, na direcção da Ausência. Na direcção da Morte. Deus? *(Sorrindo.)* Vejo-vos chegar! *(Falando para a mitra.)* E tu, mitra em forma de barrete de bispo, fica a saber que quando os meus olhos se fecharem pela última vez, serás tu, meu belo chapéu dourado, a última coisa que fixarei por detrás das pálpebras... Vós, meus belos paramentos, minha capa, minhas rendas...

IRMA, *brutal*

O que está dito está dito. Quando a sorte está decidida...

Durante todo este quadro, Irma estará praticamente imóvel, colocada junto da porta.

O BISPO, *muito doce, com um gesto afastando Irma*

E quando os dados estão lançados...

IRMA

Não. Dois mil, são dois mil e deixemo-nos de histórias. Senão ainda me zango. O que não é meu costume... Mas se está em dificuldades...

O BISPO, *seco, e atirando com a mitra*

Obrigado.

IRMA

Cuidado, não quebre nada. Isto deve servir. *(Para a Mulher.)* Arruma isto[1].

A Mulher põe a mitra em cima da mesa, ao pé do jarro.

O BISPO, *depois de um pesado suspiro*

Disseram-me que esta casa ia ser cercada. É verdade? Os revoltosos já atravessaram o rio.

IRMA, *cuidadosa*

Há sangue por toda a parte... É melhor o senhor caminhar encostado aos muros do

[1] Mas «Engole isto» também me agrada. Nesse caso, é preciso que a mitra seja de pão de forma, para que a mulher possa mastigá-la.

arcebispado e depois entrar pela rua da Peixaria...

Ouve-se, no mesmo instante, um grande grito de dor, lançado por uma mulher que não se vê.

(Irritada.) Disse-lhes para estarem calados. Ainda bem que tive o cuidado de pôr nas janelas uns reposteiros bem pesados. *(De súbito, amável e insidiosa.)* E qual foi a cerimónia desta noite? Benção? Oração? Missa? Ou adoração perpétua?

O BISPO, *grave*

Não falemos disso. Acabou. Agora só penso em voltar para casa... Você disse que a cidade está banhada em sangue...

A MULHER, *interrompendo-o*

Esta noite houve benção, minha senhora. E a seguir, confessei-me...

IRMA

E depois?

O BISPO

Calem-se!

A MULHER

Depois não houve mais nada. Fui absolvida.

IRMA

E ninguém pode assistir à cerimónia? Uma vez ao menos?

O BISPO, *assustado*

Não, não. Essas coisas devem permanecer e permanecerão secretas. Já me parece bastante indecente falar delas enquanto me despem. Ninguém. E todas as portas devem estar fechadas. Fechadas, cerradas, abotoadas, atadas, agrafadas, cosidas...

IRMA

Eu estava a perguntar-lhe...

O BISPO

Cosidas, D. Irma.

IRMA, *irritada*

Dê-me ao menos licença para me preocupar... profissionalmente! Eu disse-lhe que eram dois mil.

O BISPO, *a voz torna-se subitamente mais clara, mais precisa, como se acabasse de acordar. Mostra uma certa irritação:*

Ninguém ficou cansado. Foram apenas seis pecados e, de modo algum, os meus preferidos.

A MULHER

Foram seis, mas foram capitais! E bem me custou a consegui-los.

O BISPO, *inquieto*

O quê? Eram falsos?

A MULHER

Eram todos verdadeiros! Estou a referir-me à dificuldade que tive em cometê-los. Se soubesse o que é preciso fazer e superar para se conseguir a desobediência.

O BISPO

Tenho muitas dúvidas, minha filha. A ordem do mundo é de tal modo anódina que tudo nele é permitido — ou quase tudo. Mas se os teus pecados eram falsos, podes dizer-mo agora.

IRMA

Oh, isso não! Já estou a ouvi-lo reclamar quando cá voltar! Não. Os pecados eram todos verdadeiros. *(Para a mulher.)* Desata-lhe os atacadores. Descalça-o. E veste-o para que ele não apanhe frio. *(Para o Bispo.)* Quer tomar um grogue, uma bebida quente?

O BISPO

Obrigado. Mas não tenho tempo. Preciso de me ir embora. *(Sonhador.)* Sim, seis, mas capitais!

IRMA

Aproxime-se. Vamos despi-lo.

O BISPO, *suplicando, quase de joelhos*

Oh, não, ainda não.

IRMA

Está na hora! Vamos! Depressa! Mais depressa!

Vão despindo o Bispo, enquanto falam. Ou antes: tiram-lhe apenas os alfinetes, desatam-lhe os cordões que fingem segurar a capa, a estola, a sobrepeliz.

O BISPO, *para a Mulher*

Cometeste bem os pecados?

A MULHER

Cometi.

O BISPO

E os gestos, foram bem feitos?

A MULHER

Foram.

O BISPO

Quando te aproximaste de mim, de rosto erguido, eram realmente os reflexos do fogo que o iluminavam?

A MULHER

Eram.

O BISPO

E quando a minha mão, de anel no dedo, pousou na tua testa para te perdoar...

A MULHER

Também.

O BISPO

E quando o meu olhar mergulhou na beleza do teu?

A MULHER

Também.

IRMA

E nesse belo olhar, Eminência, vislumbrou o arrependimento?

O BISPO, *levantando-se*

Sim, mas desapareceu logo! E era realmente o arrependimento o que eu procurava nele? Nele vi, sim, o desejo glutão que a

falta provoca. Ao inundá-la, o mal baptizou-a de repente. Aqueles grandes olhos abriram-se sobre o abismo... uma palidez de morte avivava-lhe — sim, D. Irma — avivava-lhe o rosto. Mas a nossa santidade é feita apenas do poder que tenho de perdoar-vos os pecados. Teriam sido eles fingidos?

A MULHER, *subitamente galante*

E se fossem verdadeiros?

O BISPO, *num tom diferente, menos teatral*

Estás doida! Espero que não tenhas feito uma coisa dessas!

IRMA, *para o Bispo*

Não lhe dê ouvidos, Eminência. Pode estar descansado quanto aos pecados dela. Aqui não há disso...

O BISPO, *interrompendo-a*

Isso sei eu. Nesta casa não existe qualquer possibilidade de praticar o mal. Vocês vivem no mal. Na ausência de remorso.

Como poderiam praticar o mal? O Diabo representa. Assim o reconhecemos. Ele é o grande Actor. É por essa razão que a Igreja condenou a gente do teatro.

A MULHER

Tem medo da realidade, não tem?

O BISPO

Se os teus pecados fossem verdadeiros, seriam também crimes, e eu estaria em apuros.

A MULHER

Ia denunciar-me?

Irma continua a despi-lo. O Bispo tem ainda a capa sobre os ombros.

IRMA, *para o Bispo*

Deixe-a, Eminência! Já chega de perguntas.

Ouve-se de novo o mesmo grito terrível.

Outra vez, aqueles! Tenho de os fazer calar!

O BISPO

Este grito não me parece fingido.

IRMA, *inquieta*

Não sei... não podemos saber... e isso que importa?

O BISPO, *aproximando-se lentamente do espelho, coloca-se em frente dele*

Vamos, meu caro espelho, responde ao que eu te pergunto! É para descobrir o mal e a inocência que venho a esta casa? *(Para Irma, com a maior doçura.)* Saia! Deixe-me sozinho!

IRMA

Está aqui há duas horas e vinte minutos. E o seu tempo era de duas horas!

O BISPO, *subitamente irritado*

Deixe-me. Fique a escutar às portas se quiser, pois sei que é seu costume; mas entre apenas quando eu acabar.

As duas mulheres saem a suspirar, com ar de enfadadas. O Bispo fica só; depois de ter feito um esforço evidente para se acalmar, em frente do espelho e de sobrepeliz:

... Vamos, meu caro espelho, responde ao que eu te pergunto. É para descobrir o mal e a inocência que venho a esta casa? Mas quem era eu, reflectido em ti? Nem uma vez sequer, juro perante Deus que me vê, nem uma vez sequer desejei o trono episcopal. Tornar-me bispo, subir os degraus — à custa de virtudes ou vícios — foi o mesmo que me afastar da dignidade definitiva de bispo. Quero dizer: *(o Bispo falará num tom muito preciso, como se estivesse a desenvolver um raciocínio lógico)* para chegar a bispo precisei de lutar para não o ser e de fazer aquilo que me levasse a sê-lo. Uma vez bispo, e para o ser, foi preciso — e para o ser em relação a mim, evidentemente — foi preciso que não deixasse de me considerar como tal para poder exercer as minhas funções.

Pega na sobrepeliz e beija-a.

Oh, rendas, rendas, trabalhadas por milhares de mãozinhas ternas para cobrirem

tantas gargantas em fogo, gargantas gargalos, rostos e cabelos, ornamentai-me de ramos e flores! Continuemos.

Mas — aí reside o hic. *(Ri-se.)* Ah! Até falo latim! — uma função é uma função. Não é um modo de ser. Ser bispo, é um modo de ser. É um cargo. Um fardo. Mitra, rendas, tecidos de ouro e missanga, genuflexões... Que se lixe a função.

Rajada de metralhadora.

IRMA, *metendo a cabeça pela porta entreaberta*

O BISPO

Pelo amor de Deus, deixe-me. Não me incomode! Estou a interrogar-me.

Irma fecha a porta.

A majestade, a dignidade, que dão brilho à minha pessoa, não provêm das atribuições da minha função. — Ó céus, nem mesmo dos méritos pessoais. — A majestade, a dignidade que me iluminam vêm dum esplendor mais misterioso: do facto do bispo me preceder. Ouviste, espelho, imagem dourada, enfeitada como uma caixa de charutos me-

xicanos? Quero ser bispo na solidão, pela simples aparência... E para destruir qualquer função, trago comigo o escândalo para te arregaçar, minha puta, putona, putéfia, peidorreira...

IRMA, *voltando*

Acabou-se. Tem de se ir embora.

O BISPO

Você está louca! Ainda não acabei.

As duas mulheres voltam a entrar.

IRMA

Não ando atrás de si. E sabe muito bem que não tenho prazer nenhum em discutir consigo. Mas o senhor não tem tempo a perder... Volto a dizer-lhe que há perigo para quem anda de noite pelas ruas.

Ruído de metralhadora, ao longe.

O BISPO, *amargo*

A senhora está-se nas tintas para a minha segurança! Agora que tudo acabou, está-se nas tintas para tudo o resto.

IRMA, *para a Rapariga*

Não lhe dês ouvidos e despe-o.

Para o Bispo, que desceu dos coturnos e tem agora as dimensões normais de um actor, do mais banal dos actores:

Recomponha-se, está todo inteiriçado.

O BISPO, *com ar idiota*

Inteiriçado? Inteiriçado, eu? Ó rigidez solene! Imobilidade definitiva...

IRMA, *para a Rapariga*

Passa-lhe o casaco...

O BISPO, *olhando para os trapos, amontoados no chão*

É com estes paramentos e rendas, que regresso a mim próprio. Reconquisto um domínio. Investi contra uma praça forte e muito antiga, donde me expulsaram. Instalo-me agora numa clareira onde o suicídio é finalmente possível. O julgamento

depende de mim e eis-me frente a frente com a minha morte.

IRMA

Isso é muito bonito, mas é preciso partir. Lembre-se que deixou o carro à porta da rua.

Rapidamente, o Bispo põe a capa dourada sobre o fato civil.

O BISPO, *para Irma*

O nosso Chefe da Polícia, esse pobre incapaz, vai permitir que a gentalha nos corte o pescoço! *(Voltando-se para o espelho e declamando.)* Paramentos! Mitra! Rendas! E tu, capa dourada, acima de tudo, tu, que me escondes do mundo. Onde estão as minhas pernas? E os meus braços? Ocultas nas tuas pregas brilhantes, as minhas mãos o que fazem? Incapazes de outra coisa que não seja esboçar um gesto esvoaçante, tornaram-se uns tristes cotos de asas depenadas — não de anjos, mas de aves sem graça! Tu, minha capa rígida, que permites a elaboração no calor e na obscuridade, da mais terna, da mais luminosa doçura. A minha caridade, que inunda o mundo, destilei-a sob esta carapaça... Às vezes, como uma faca,

surgia a minha mão. Para abençoar? Para cortar, guilhotinar? Como a cabeça duma tartaruga, a minha mão afastava-te a fímbria. Tartaruga ou víbora cautelosa? Depois regressava ao rochedo. Oculta, a minha mão sonhava... Paramentos, capa dourada...

A cena desloca-se da esquerda para a direita, como se fosse mergulhar nos bastidores. Surge então o segundo cenário.

SEGUNDO QUADRO

CENÁRIO

O mesmo lustre. Três biombos castanhos. Paredes nuas.

O mesmo espelho, à direita, onde se reflecte a mesma cama desfeita do primeiro quadro.

Uma mulher, nova e bela, aparece amarrada.

O vestido, de musselina, está rasgado e vêem-se-lhe os seios.

De pé, na sua frente, está o carrasco. É um gigante, nu até à cintura. Muito musculado. Traz o chicote preso à parte de trás do cinturão, o que dá a ideia de que o homem tem cauda.

Um juiz que, na altura em que se levantar, há-de parecer desmedido, porque também ele usa coturnos, invisíveis debaixo da toga, de rosto maquilhado, rasteja na direcção da mulher, que vai recuando à medida que ele avança.

A LADRA, *estendendo o pé*

Ainda não! Lambe! Lambe primeiro...

O Juiz faz um esforço para rastejar um pouco mais, depois levanta-se e, lentamente, penosamente, aparentemente feliz, vai sentar-se num banco.

A Ladra (que é a senhora descrita acima) muda de atitude, e de dominadora, passa a dominada.

O JUIZ, *severo*

Sim, és uma ladra! Apanharam-te em flagrante... E quem? A polícia... Já te

esqueceste de que uma rede subtil e sólida, os meus chuis de aço, te dominou os gestos? Os meus homens são como insectos de olhar inconstante, montados sobre rodas, sempre a espiar-vos. A todas! E todas vós, cativas, são trazidas por eles, aqui ao Palácio... Que tens tu a dizer-me? Apanharam-te em flagrante... Debaixo da saia... *(Para o Carrasco.)* Procura debaixo da saia. Hás-de encontrar a bolsa, a famosa bolsa Canguru. *(Para a Ladra.)* Bolsa que tu enches com tudo o que consegues pilhar, sem discriminação. Porque és insaciável e desprovida de discernimento. Além disso, idiota... *(Para o Carrasco.)* Que encontraste tu nessa célebre bolsa Canguru? Nessa enorme e bruta pança?

O CARRASCO

Perfumes, senhor Juiz. Perfumes, uma pilha, um frasco de mata-moscas, laranjas, vários pares de peúgas, ouriços, uma toalha turca, uma *écharpe*. *(Para o Juiz.)* Está a ouvir-me? Disse uma *écharpe*.

O JUIZ, *sobressaltado*

Uma *écharpe*? Ora até que enfim! E para que era a *écharpe*? Sim, para que era a

écharpe? Para estrangular alguém? Responde! Era para estrangular alguém?... És uma ladra ou uma estranguladora? *(Muito meigo, implorando.)* Diz-me, minha filha, por favor, diz-me que és uma ladra.

A LADRA

Sou uma ladra, sr. dr. Juiz.

O CARRASCO

Não!

A LADRA, *olhando para ele, espantada*

Não?

O CARRASCO

Isso é para mais tarde.

A LADRA

Como?

O CARRASCO

É o que te digo: a confissão deve ser feita na devida altura. Continua a negar.

A LADRA

Para apanhar mais chicotadas!

O JUIZ, *melífluo*

Isso mesmo, minha filha: para apanhares mais chicotadas. Primeiro deves negar e só depois confessar para alcançares o arrependimento. Quero que desses belos olhos saltem lágrimas ardentes. Sim. Quero ver-te encharcada em lágrimas. Oh, o santo poder das lágrimas!... Onde pus eu o código?

Procura debaixo da toga e tira de lá um livro.

A LADRA

Já chorei o bastante...

O JUIZ, *fingindo ler*

Quando te batiam. Mas eu quero lágrimas de arrependimento. Só ficarei totalmente satisfeito quando te vir molhada como um prado.

A LADRA

Isso não é fácil. Ainda agora tentei...

O JUIZ, *deixando de ler e num tom meio teatral, quase familiar*

És ainda muito nova. Sem experiência. *(Inquieto.)* Menor, provavelmente...

A LADRA

Menor, não senhor...

O JUIZ

Chama-me senhor doutor Juiz. Quando foi que chegaste?

O CARRASCO

Chegou anteontem.

O JUIZ, *voltando à leitura e ao tom teatral*

Deixa-a falar a ela. Gosto desta voz sem consistência, desta voz dispersa... Escuta: se queres que eu seja um juiz exemplar, tens de ser tu também uma ladra exemplar. A uma falsa ladra corresponderá um falso juiz. Entendido?

A LADRA

Sim, senhor doutor Juiz.

O JUIZ, *continuando a ler*

Bem. Até agora tudo se passou como deve ser. O carrasco bateu-te com força... é o trabalho dele. Estamos os três unidos: tu, ele e eu. Se ele não te batesse, como iria eu impedi-lo de continuar? Ele deve fustigar-te para que eu intervenha e prove a minha autoridade. Tu deves negar para que ele te possa bater.

Ouve-se um barulho: qualquer coisa caiu na sala ao lado. Num tom natural:

Que aconteceu? As portas estão bem fechadas? Não quero que ninguém nos oiça, que ninguém nos veja!

O CARRASCO

Pode estar tranquilo. Está tudo trancado.

Vai examinar a fechadura da porta do fundo.

E o corredor está de prevenção.

O JUIZ, *num tom natural*

Tens a certeza?

Absoluta. *(Leva a mão ao bolso.)* Posso fumar?

O JUIZ, *num tom natural*

Fuma, fuma. O cheiro do tabaco dá-me inspiração.

Ouve-se o mesmo barulho de há pouco.

Mas o que é isto? Que aconteceu? Quando é que me deixam em paz? *(Levanta-se.)* O que é que se passa aqui?

O CARRASCO, *ríspido*

Não se passa nada. Foi alguém que deixou cair qualquer coisa. O senhor é que está nervoso.

O JUIZ, *num tom natural*

É possível. Mas o nervosismo faz-me bem. Torna-me mais lúcido.

Levanta-se e aproxima-se da parede.

Posso ver?

Só uma espreitadela. Está a fazer-se tarde.

O Carrasco encolhe os ombros e pisca um olho cúmplice à Ladra.

O JUIZ, *depois de ter olhado*

Iluminado. Resplandecente... mas vazio.

O CARRASCO, *encolhendo os ombros*

Vazio!

O JUIZ, *num tom ainda mais familiar*

Pareces inquieto. O que há de novo?

O CARRASCO

Esta tarde, antes de o senhor chegar, três posições importantes caíram nas mãos dos revoltosos. Depois deitaram-lhes fogo: mas nenhum bombeiro apareceu. Ardeu tudo. O Palácio...

O JUIZ

E o Chefe da Polícia? Ficou a rir-se, como de costume?

A LADRA

Há quatro horas que não temos notícias dele. Se conseguir escapar, virá para aqui, com certeza. Estamos à espera dele, a todo o momento.

O JUIZ, *para a Ladra, e sentando-se*

Ele que não pense vir pela ponte da Realeza. Foi pelos ares a noite passada.

A LADRA

Também já sabíamos. Daqui ouviu-se a explosão.

O JUIZ, *voltando ao tom teatral e lendo o Código*

Enfim. Recomecemos. Portanto, aproveitas-te do sono dos justos, aproveitas-te do sono repentino, para roubares, surripiares, furtares, despojares...

A LADRA

Não, senhor doutor Juiz, é mentira...

O CARRASCO

Chego-lhe?

A LADRA, *num grito*

Artur!

O CARRASCO

O que é que te deu? Não fales comigo. Responde ao senhor doutor Juiz. E chama-me senhor Carrasco.

A LADRA

Sim, senhor Carrasco.

O JUIZ, *lendo*

Volto a repetir: roubaste?

A LADRA

Sim. Sim, senhor doutor Juiz.

O JUIZ, *lendo*

Muito bem. E agora responde-me depressa e sem hesitações: o que é que roubaste mais?

Roubei pão, porque tinha fome.

O JUIZ, *erguendo-se e largando o livro*

Sublime! Função sublime! Tudo isso vai ser julgado por mim. Oh, minha querida filha, só tu me consegues reconciliar com o mundo. Juiz! Vou ser juiz de todos os teus actos! De mim vai depender a medida, o equilíbrio. O mundo é uma maçã para eu cortar ao meio: os bons, os maus. E tu, meu Deus, tu aceitas ser a parte má! *(Para o público.)* Debaixo dos vossos olhos: nada nas mãos, nada nos bolsos, extirpar o podre e deitá-lo fora. Mas que ocupação dolorosa! Se todos os julgamentos fossem feitos a sério, custar-me-iam a vida! Por isso me sinto morto. Habito esta região da liberdade exacta. Rei dos Infernos, todos os que eu julgo, estão como eu: mortos. Esta está como eu: morta.

A LADRA

Faz-me medo, senhor doutor Juiz!

O JUIZ, *com muito ênfase*

Cala-te. No fundo dos Infernos, faço a partilha dos humanos que se arriscam a

chegar aqui. Uma parte para a fogueira, outra para o tédio dos campos de asfodelos. Tu, minha ladra, minha espiã, minha cadela, ouve o que Minos te diz, ouve a sua decisão! *(Para o Carrasco.)* Cérbero!

O CARRASCO, *imitando um cão*

Ão, ão!

O JUIZ

Como tu és belo! E quando vês uma nova vítima ainda ficas melhor. *(Abre a boca do Carrasco.)* Mostra-me essas presas! Terríveis. Brancas.

Mas logo inquieto, para a Ladra:

Não estiveste a mentir-me? Todos esses roubos, foram verdadeiros?

O CARRASCO

Pode estar descansado. Nunca lhe passaria pela cabeça uma coisa dessas. Estava aqui eu para a levar ao bom caminho!

O JUIZ

Sinto-me quase feliz. Continua. O que é que tu roubaste?

Subitamente, uma rajada de metralhadora.

Isto nunca mais acaba. Não há um momento de descanso.

A LADRA

Não lhe disse já que os revoltosos ocuparam todos os bairros da zona Norte?...

O CARRASCO

Bico calado!

O JUIZ, *irritado*

Respondes-me ou não? O que é que roubaste mais? Onde? Quando? Como? Quanto? Porquê? Para quem? — Responde!

A LADRA

Entrei em muitas casas, pela escada de serviço, aproveitando a ausência das cria-

das... Abri armários, parti os mealheiros dos garotos. *(Vê-se que está a procurar as palavras.)* Uma vez, disfarcei-me de senhora honesta. Vesti um saia-e-casaco comprado na feira da ladra, pus um chapéu preto de palha, enfeitado com um ramo de cerejas, um véu e uns sapatos pretos — de salto raso — e entrei...

O JUIZ, *apressado*

Onde? Onde? Onde? Onde — onde — onde é que tu entraste?

Os vários onde *seguidos devem provocar um som contínuo, martelado, como que a meter medo.*

A LADRA

Já não me recordo.

O CARRASCO

Arreio-lhe?

O JUIZ

Ainda não. *(Para a rapariga.)* Onde é que tu entraste? Diz-me, onde? Onde? Onde? Ão! Ão! Ão!...

A LADRA, *desvairada*

Juro que já não me lembro.

O CARRASCO

Arreio-lhe, senhor doutor Juiz? Arreio--lhe?

O JUIZ, *para o Carrasco e aproximando-se dele*

Ah! Ah! O teu prazer depende de mim! Gostas de arrear, hein? Tens toda a razão, meu monte de carne! Meu saco de trampa, dependente das minhas decisões! *(Contempla-se em frente do Carrasco como em frente dum espelho.)* Espelho que me glorifica! Imagem adorada que eu posso tocar. Eu jamais teria a força e a destreza para marcar as costas dela com chicotadas de fogo. *(Passa a mão pelo corpo do Carrasco.)* Estás aí? Estás aí? Meu membro desconforme! Braço gigante, pesado demais para o meu ombro, caminhando, sozinho, a meu lado. Sem ti, minha tonelada de carne, não seria ninguém... *(Para a Ladra.)* E sem ti, também não, minha filha. Vocês os dois são os meus perfeitos complementos... Ah, que rico trio nós constituímos! *(Para a Ladra.)* Mas tu,

tu tens uma vantagem sobre ele, e sobre mim também, aliás: a anterioridade. O meu ser de juiz é uma emanação do teu ser de ladra. Basta que te recuses... mas livra-te de o fazer!... que te recuses a ser quem és — o que és, logo quem tu és — para que eu deixe de ser... e desapareça evaporado. Rebentado. Volatilizado. Negado. Donde: o Bem que nasce do... Mas quê? Tu jamais te recusarias, não é verdade? Jamais te recusarias a ser uma ladra! Isso era um crime! Privar-me-ias de ser! *(Implorando.)* Diz-me, minha filha, meu amorzinho, não farias uma coisa dessas, pois não?

A LADRA, *lânguida*

Sabe-se lá!

O JUIZ

O quê? Que estás tu a dizer? Sabe-se lá?! Vamos: Diz-me onde entraste! Diz-me o que é que roubaste!

A LADRA, *seca e levantando-se*

Não digo.

O JUIZ

Diz onde! Diz-me, não sejas má...

A LADRA

Não me trate por tu, ouviu?

O JUIZ

Minha menina... Minha senhora. Por favor. *(Põe-se de joelhos.)* Está a ver? Suplico-lhe a seus pés! Quer deixar-me numa posição destas, implorando a condição de juiz? Se não houvesse juiz, onde iríamos nós, e se não houvesse ladrões?

A LADRA, *irónica*

Sim, e se não houvesse?

O JUIZ

Seria uma coisa horrível. Mas não, você não ousaria um tal volte-face! Não posso acreditar! Ouve bem o que te digo: continua a dissimular, a fingir, o mais que puderes e os meus nervos suportarem. Continua a negar, a negar sempre, para me obrigares a sofrer, a bater com os pés no chão,

a escumar de raiva, a suar, a ganir de impaciência, a rastejar... Queres que eu rasteje?

O CARRASCO, *para o Juiz*

Rasteje!

O JUIZ

Como me sinto orgulhoso!

O CARRASCO, *ameaçador*

Rasteje!

O Juiz, que estava de joelhos, deita-se de barriga para baixo e rasteja lentamente em direcção à Ladra. À medida que vai avançando a Ladra recua.

Isso. Continue.

O JUIZ, *para a Ladra*

Que me obrigues a rastejar depois de eu ser juiz, está bem, minha marota! Mas se te recusasses definitivamente ao teu papel, isso seria um crime, minha cabra!...

A LADRA, *altiva*

Chame-me minha senhora e seja mais educado!

O JUIZ

E terei o que pretendo?

A LADRA, *galante*

Roubar, não é fácil, sabe!...

O JUIZ

Mas eu pago! Pago o que for preciso, minha senhora. Se deixasse de poder separar o Bem do Mal, para que serviria eu, diga-me, para que serviria?

A LADRA

Isso pergunto eu a mim própria.

O JUIZ, *infinitamente triste*

Ainda há pouco estavas prestes a transformar-me em Minos. O meu Cérbero ladrava. *(Para o Carrasco.)* Recordas-te? *(O Carrasco interrompe o Juiz fazendo estalar*

o chicote.) Como tu eras cruel, terrível! E eu, impiedoso! Preparava-me para encher os Infernos de condenados. Encher as prisões! Prisões! Prisões! Prisões, enxovias, lugares abençoados onde o mal é impossível, por serem a grande encruzilhada da maldição do mundo. Não se pode praticar o mal no mal. E o que eu pretendo não é condenar, é julgar...

Tenta levantar-se.

O CARRASCO

Rasteje! E despache-se, porque tenho de ir mudar de roupa.

O JUIZ, *para a Rapariga*

Minha senhora! Diga que sim, por favor. Posso lamber-lhe os sapatos, se quiser. Mas, por favor, confesse que é uma ladra...

A LADRA, *num grito*

Ainda não! Vamos: lambe, lambe, lambe primeiro!

O cenário desloca-se da esquerda para a direita, como no

quadro anterior, e vai mergulhar nos bastidores da direita. Ao longe, ouve-se uma rajada de metralhadora.

TERCEIRO QUADRO

CENÁRIO

Três biombos colocados como nos quadros anteriores, mas de cor verde escura. O mesmo lustre. O mesmo espelho que reflecte a cama por fazer. Sobre uma poltrona está um cavalo dos que são utilizados pelos bailarinos folclóricos, com uma pequena saia plissada. Na sala, um senhor, com ar tímido. É o General. Tira o casaco, depois o chapéu de coco e as luvas. Irma está junto dele.

O GENERAL, *apontando o casaco, o chapéu e as luvas*

Não andem com isso por aí.

IRMA

Vai-se já dobrar, embrulhar...

O GENERAL

Faça-os desaparecer!

IRMA

Vai-se já arrumar. Ou então queimar.

O GENERAL

Sim, é melhor queimar tudo. Como as cidades ao crepúsculo.

IRMA

Notou alguma coisa quando vinha para aqui?

O GENERAL

Corri alguns riscos bastante graves. A população fez saltar as barragens, e bairros inteiros ficaram inundados. Especialmente o arsenal; e de tal forma que as pólvoras ficaram todas molhadas e as armas cheias de ferrugem. Vi-me obrigado a fazer grandes desvios mas, mesmo assim, não tropecei em nenhum afogado.

IRMA

Nunca me passaria pela cabeça pedir-lhe a sua opinião. Cada um é livre de pensar o que quiser e eu não me meto em políticas.

O GENERAL

Falemos então doutra coisa. Para mim, o que é importante é saber como vou sair desta casa. Quando me despachar já deve ser bastante tarde...

IRMA

Por falar em tarde...

O GENERAL

Tem toda a razão.

Procura no bolso, puxa de algumas notas, conta-as e dá-as a Irma, que fica com elas na mão.

Quer dizer que quando me for embora o mais certo é ser apanhado no escuro. Cheira-me que a senhora não tem ninguém para me acompanhar.

IRMA

Infelizmente é verdade. O Artur não está disponível.

Grande silêncio.

O GENERAL, *de súbito, impaciente*

Mas... essa mulher nunca mais vem?

IRMA

Não sei o que está ela a fazer. Fartei-me de recomendar que tudo estivesse pronto para quando o senhor chegasse. Já temos o cavalo... É melhor eu tocar.

O GENERAL

Deixe estar. Eu encarrego-me disso. *(Carrega num botão.)* Gosto de ser eu a tocar. Dá autoridade. Ah, tocar ao ataque!

IRMA

É para já, meu general. Oh, perdão, já estou a atribuir-lhe a patente... Esteja descansado que vai já...

O GENERAL

Shiu! Não se fala nisso.

IRMA

Oh, que força, que juventude, que petulância!

O GENERAL

E esporas: também tenho esporas? Tinha dito para mas porem nas botas. Botas acaju, não é verdade?

IRMA

Sim, meu general. Acaju. E envernizadas.

O GENERAL

Está bem, envernizadas, mas também com lama?

IRMA

Com lama, sim, e talvez com umas manchas de sangue. Também mandei preparar as condecorações.

O GENERAL

Autênticas?

IRMA

Autênticas.

Nisto ouve-se um grito de mulher.

O GENERAL

O que é isto?

Tenta aproximar-se do biombo da direita, inclina-se para espreitar, mas Irma não o deixa.

IRMA

Não é nada. Há sempre gestos inconsiderados, de parte a parte.

O GENERAL

E este grito? É um grito de mulher. Talvez seja alguém a gritar por socorro. Sinto o sangue a inflamar-se!... Não posso perder tempo...

IRMA, *glacial*

Vamos, deixe-se de histórias. Acalme-se. Por enquanto, não passa dum civil.

O GENERAL

Tem razão.

Novamente o grito de mulher.

Mas não deixa de ser enervante. Direi mesmo: inquietante.

IRMA

Mas que estará ela a fazer?

Quando Irma vai para tocar, surge da porta do fundo uma mulher nova, muito bela, ruiva, de cabelos soltos, caídos pelas costas, e o pescoço descoberto. Veste apenas um espartilho preto e meias pretas e sapatos de salto muito alto. Traz consigo um uniforme completo de general, mais a espada, o bicórnio e as botas.

O GENERAL, *severo*

Até que enfim que chegou. Com meia hora de atraso. Tempo mais que suficiente para se perder uma batalha.

IRMA

Pode estar descansado, meu general, não ficará a perder. A essa, conheço-a bem.

O GENERAL, *observando as botas*

E o sangue? Não vejo nenhum sangue!

IRMA

O sangue secou. Não se esqueça de que se trata de sangue de antigas batalhas. Bom. Vou-me embora. Não precisa de nada?

O GENERAL, *olhando para a direita e para a esquerda*

Você esquece-se...

IRMA

Santo Deus! Realmente já me esquecia...

Coloca em cima da cadeira as toalhas que trazia no braço. Depois sai pela porta do fundo. O General vai até à porta e em seguida fecha-a à chave. Mas mal a porta se fecha, começam a bater. A Rapariga vai abrir. Um pouco oculto, vê-se o Carrasco, suado, enxugando-se a uma toalha.

O CARRASCO

A D. Irma não está aqui?

A RAPARIGA, *ríspida*

Está no Roseiral. *(Caindo em si.)* Desculpe, está na Capela Ardente.

O GENERAL, *irritado*

Fecha a porta.

Posso finalmente ter sossego? Que andaste tu a cheirar por aí? Não te deram o teu saco de aveia? Tu sorris? Sorris para o teu cavaleiro? Estás a conhecer esta mão, suave e firme! *(Fazendo-lhes festas.)* Meu corcelzinho orgulhoso! Quantas correrias não fizemos juntos, minha bela égua!

E faremos muitas, muitas mais! Estes cascos bem ferrados, estas patas nervosas, anseiam por correr mundo. Tirai as calças e os sapatos para que eu vos vista.

O GENERAL, *que pegou na chibata*

Está bem. Mas primeiro, põe-te de joelhos! Vamos, de joelhos! Vá, dobra-me esses jarretes, dobra, minha linda!

A rapariga encabrita-se, solta um relincho de prazer e ajoelha-se como um cavalo de circo, em frente do General.

Bravo! Bravo, minha Colomba! Não te esqueceste de nada. E agora, vais-me ajudar e responder às minhas perguntas. Uma eguazinha bonita deve saber desabotoar o seu dono e tirar-lhe as luvas! E deve responder-lhe tu cá tu lá. Vamos, primeiro desata-me os atacadores.

Durante toda a cena que irá seguir-se, a Rapariga vai ajudar o General a despir-se, e depois a vestir-se de general. Quando este

estiver completamente vestido, notar-se-á que adquiriu proporções gigantescas, graças a uma trucagem teatral: coturnos invisíveis, ombros alargados, rosto extremamente maquilhado.

A RAPARIGA

O pé esquerdo continua inchado!

O GENERAL

Claro. É o pé da partida. É o pé que bate e que aperreia. Como esse teu cascozinho, quando fazes as vénias.

A RAPARIGA

Quando faço o quê? Vamos, desabotoe-se.

O GENERAL

És um cavalo ou uma ignorante? Se és um cavalo, então sabes fazer vénias. Ajuda-me. Puxa devagar. Vá, devagarinho, não és nenhum cavalo de lavoura.

A RAPARIGA

Faço o que devo fazer.

O GENERAL

Já estás a revoltar-te? Espera que eu esteja pronto. Quando te meter o freio nos dentes...

A RAPARIGA

Oh, não! Isso não.

O GENERAL

Era o que faltava! Um general a ser chamado à ordem pelo seu próprio cavalo! Sim senhor. Terás o freio, as rédeas, os arreios, a cilha e só então, de botas, chibata e chapéu, te saltarei em cima!

A RAPARIGA

É horrível, o freio. Fico com as gengivas a sangrar e os lábios todos gretados. E depois, babo sangue.

O GENERAL

Ah! a espuma cor de rosa e o crepitar do fogo! Que cavalgadas! Entre campos de

centeio, no meio da luzerna, atravessando prados, caminhos poeirentos, por montes e vales, deitados ou de pé, da aurora ao sol--pôr, do sol-pôr...

A RAPARIGA

Meta a camisa para dentro. Estique os suspensórios. Não é nada fácil vestir um general vencedor que vai a enterrar. Aqui tem o sabre.

O GENERAL

Não. O sabre fica em cima da mesa, como o de Lafayette. E bem à vista. Mas esconde-me essa roupa. Deve haver por aí algum sítio para esconder essa tralha.

A Rapariga enrola as peças de roupa e esconde-as atrás da cadeira.

O dólman? Obrigado. As medalhas, estão todas? É melhor contá-las.

A RAPARIGA, *depois de ter contado, rápida*

Todas, meu general.

E a guerra? Onde está a guerra?

A RAPARIGA, *com voz doce*

Está perto, meu general. Vai desenrolar-se num campo de maceeiras. O céu está calmo e róseo. Uma paz repentina — o gemer das pombas — que precede a batalha, banha toda a terra. O tempo está agradável. Uma maçã rola sobre a erva. Uma pinha, afinal. As coisas sustêm a respiração. A guerra foi declarada. E está bom tempo.

O GENERAL

E de repente...

A RAPARIGA

Alcançámos o prado. Páro de escoucinhar, de relinchar. Sinto as tuas coxas quentes a apertar-me os flancos. A morte...

O GENERAL

E de repente...

A RAPARIGA

A morte fica a postos. Põe um dedo nos lábios, convida-nos ao silêncio. Uma bondade extrema ilumina as coisas. Nem tu dás já pela minha presença...

O GENERAL

E de repente...

A RAPARIGA

Abotoai-vos sozinho, meu general. A água dos lagos estava imóvel. O próprio vento esperava ordens para desfraldar as bandeiras...

O GENERAL

E de repente...

A RAPARIGA

De repente? Hein? De repente? *(Tenta encontrar as palavras.)* Ah, sim, de repente, foi o ferro e o fogo! As viúvas! Foi preciso tecer quilómetros de crepe para enlutar os estandartes. As mães e as esposas tinham os olhos secos e ocultos pelos véus. Os sinos

caiam das torres bombardeadas. Ao virar uma rua, espantei-me com um pano azul e ergui as patas. Mas a tua mão doce e pesada logo me acalmou. E recomecei o trote. Oh, meu herói, como eu te amava!

O GENERAL

Mas... e os mortos? Não havia mortos?

A RAPARIGA

Os soldados morriam beijando o estandarte. Tu não eras senão vitórias e bondade. Uma tarde, recordas-te?...

O GENERAL

Fiquei tão doce que me pus a nevar. A nevar sobre os meus homens, cobrindo-os com o mais suave dos lençóis. A nevar? Oh! Berezina!

A RAPARIGA

Os estilhaços dos obuses despedaçaram os limões. Em suma, a morte não parava. Ligeira, andava de um lado para o outro, fazendo uma chaga, vazando um olho, arrancando um braço, abrindo uma veia, esma-

gando um rosto, estrangulando um grito, amordaçando um cântico. Até não poder mais. Por fim, esgotada, morta de fadiga, acabou por adormecer em cima dos teus ombros.

O GENERAL, *doido de alegria*

Pára, pára, ainda não chegou o momento. Mas já estou a sentir que vai ser maravilhoso. O cinturão? Magnífico!

Vê-se ao espelho.

Wagram! General! Homem de guerra e de paradas, eis o que eu sou, nesta pura aparência. Nada, atrás de mim não arrasto nenhum contigente. Surjo, simplesmente. Atravessei guerras sem morrer, atravessei misérias, sem morrer, subi patentes, sem morrer para viver este minuto próximo da morte.

Pára, de repente, perturbado por qualquer pensamento.

Diz-me cá, Colomba.

A RAPARIGA

O que é?

O GENERAL

Não se sabe nada do Chefe da Polícia? *(A Rapariga faz que não com a cabeça.)* Nada? Ainda não se sabe nada? Em suma, a coisa rebentou-lhe nas mãos. E nós, nós estamos aqui a perder o nosso tempo?

A RAPARIGA, *imperiosa*

De maneira nenhuma. Mas isso não nos diz respeito. Continue. Estava a dizer: para viver este minuto próximo da morte. E depois?

O GENERAL, *hesitante*

... Próximo da morte... quando eu já não for nada, a não ser a minha imagem reflectida nestes espelhos até ao infinito... Tens razão, penteia-me essa crina. Aperta-te. Quero que a minha égua esteja bem arreada. Daqui a pouco, quando as trombetas soarem, desceremos os dois — eu montado em ti — para a glória e para a morte, sim, porque eu vou morrer. Trata-se, na verdade, duma autêntica descida ao túmulo.

A RAPARIGA

O meu general morreu anteontem.

O GENERAL

Eu sei... mas é uma descida solene, e insólita, por degraus inesperados...

A RAPARIGA

Sois um general morto, mas mesmo assim, eloquente.

O GENERAL

Eloquente, porque estou morto, meu cavalo tagarela. Isto que te digo, com tão bela voz, é o Exemplo. Sou apenas a imagem daquele que fui. Agora é a tua vez. Vais baixar a cabeça e tapar os olhos, porque eu quero ser um general na solidão. E isto não é por mim, mas pela minha imagem, e a minha imagem pela sua imagem, e assim por diante. Em suma, estaremos entre iguais. Estás pronta, Colomba?

A Rapariga faz que sim com a cabeça.

Então anda cá. Toma o teu fato baio, meu belo ginete espanhol.

O General passa com o cavalo-brinquedo por cima da cabeça da Rapariga. Em seguida faz estalar o chicote.

Adeus, meu general! *(Faz cotinência à sua imagem reflectida no espelho.)*

Estende-se na cadeira, com os pés em cima da mesa e faz continência ao público, mantendo-se rígido como um cadáver. A Rapariga põe-se em frente da cadeira e esboça os gestos de um cavalo a andar.

A RAPARIGA, *solene e triste*

Começou o desfile... Atravessaremos a cidade... ao longo do rio. Sinto-me triste... O céu está pesado. E o povo chora o seu belo herói que morreu na guerra...

O GENERAL, *sobressaltado*

Colomba!

A RAPARIGA, *voltando-se para ele, chorosa*

Sim, meu general!

O GENERAL

Acrescenta ainda que morri de pé!

Depois volta à posição anterior.

A RAPARIGA

O meu herói morreu de pé! O desfile continua. Os teus oficiais às ordens marcham à minha frente... Depois passo eu, Colomba, o teu cavalo de batalha... A banda militar toca uma marcha fúnebre...

A Rapariga canta — caminhando sem sair do mesmo sítio — A Marcha Fúnebre *de Chopin, que uma orquestra invisível, com metais, desenvolverá.*

Ao longe, ouvem-se as metralhadoras.

O encenador poderá atar umas rédeas dos ombros da Rapariga à cadeira — neste caso com rodas — onde se encontra o General. E assim, o quadro poderá terminar com a rapariga a puxar o General.

QUARTO QUADRO

CENÁRIO

Trata-se de um quarto cujas paredes visíveis consistem em três espelhos onde se reflecte um Velhote vestido de pedinte, mas penteado, e que está, imóvel, no meio do quarto.

Perto dele, numa atitude indiferente, está uma bonita rapariga ruiva, com um corpete e umas botas de couro. Tem umas belas coxas e veste um casaquinho de pele. Tanto ela como o Velho aguardam qualquer coisa. O Velho, impaciente, muito nervoso: a Rapariga, imóvel.

O Velhote, com mãos trémulas, vai descalçando as luvas esburacadas. Puxa depois dum lenço branco que tem na algibeira e enxuga-se. Em seguida, tira os óculos, fecha-os num estojo e mete o estojo no bolso. Por fim, enxuga as mãos com o lenço.

Os gestos do Velhote reflectem-se nos três espelhos. (Serão portanto necessários três actores para fazerem de reflexo.)

Ouvem-se três pancadas na porta do fundo.

A Rapariga ruiva aproxima-se e diz: «Já vai».

A porta entreabre-se e surge a mão e o braço de Irma com um castiçal e uma cabeleira sujíssima e eriçada.

A Rapariga agarra nos dois objectos e a porta fecha-se.

O rosto do Velhote ilumina-se.

A Rapariga ruiva, com um ar exageradamente arrogante e cruel, enfia brutalmente a cabeleira na cabeça do Velho.

Este tira da algibeira um raminho de flores artificiais e estende-o, em geito de oferta, à Rapariga. Mas esta arranca-lhe o ramo com um golpe do castiçal.

O rosto do Velhote está banhado numa luz suave.

Ouve-se, perto, as metralhadoras.

O Velhote apalpa a cabeleira e diz:

O VELHO

E os piolhos?

A RAPARIGA, *num tom rasca*

Está cheia deles?

QUINTO QUADRO

CENÁRIO

O quarto de Irma. Elegantíssimo. É o mesmo quarto que se via reflectido nos espelhos dos três primeiros quadros. O mesmo lustre. Reposteiros de renda. Três poltronas. À esquerda, há um grande vão onde está um aparelho por meio do qual Irma pode ver o que se passa nos seus salões.

Uma porta à direita. Outra à esquerda.

Irma faz as contas, sentada em frente do toucador.

Junto de Irma está uma rapariga: Carmen.

Rajada de metralhadora.

CARMEN, *contando*

O Bispo ... dois mil ... dois mil do Juiz ... *(Levanta a cabeça.)* Não, minha senhora, quanto ao Chefe da Polícia, nada!

IRMA, *impaciente*

Ainda há-de vir. E quando chegar... deve fazer cá uma cena!

CARMEN

Como a senhora diz: É preciso de tudo, neste mundo. Mas quanto a Chefe de Polícia, nada. *(Volta a contar.)* Dois mil do General... dois do marinheiro... três do cagarola...

IRMA

Então, Carmen. Já lhe tenho dito que não gosto dessa linguagem. Os visitantes devem ser respeitados. Vi-si-tan-tes! Nem eu própria *(acentua esta palavra)*, sim, nem eu própria me atrevo a chamar-lhes clientes.

Faz estalar, com um ar ordinário, as notas novas que tem na mão.

CARMEN, *num tom duro. Virando-se e fixando Irma*

Para a senhora, sim: a massa e as boas maneiras!

IRMA, *tentando ser conciliadora*

Não faças essa cara! Não sejas injusta! De há um tempo para cá andas muito irritadiça. Os acontecimentos têm-nos posto os nervos em franja. Mas isto há-de passar. Tem esperança em melhoras dias. O senhor Georges...

CARMEN, *no mesmo tom de há pouco*

Ora bolas para esse tipo!

IRMA

Não digas mal do Chefe da Polícia. Se não fosse ele, estaríamos as duas em maus lençóis. Sim, as duas, porque tu estás ligada a mim. E a ele. *(Grande pausa.)* Mas é essa tristeza que me dá cuidado. *(Ar de sermão.)* Estás diferente, Carmen. Desde que começou a revolta, noto que estás diferente...

CARMEN

Já pouco tenho que fazer, aqui, D. Irma.

IRMA, *desconcertada*

O quê? Então não te confiei a minha contabilidade? Sentas-te à minha secretária e ficas a saber tudo da minha vida. Sim, deixei de ter segredos para ti. E tu não te sentes satisfeita!

CARMEN

Sinto sim, D. Irma. E agradeço-lhe a confiança que tem em mim. Mas... não é o mesmo.

IRMA

Falta-te «aquilo»? *(Silêncio de Carmen.)* Não me digas, Carmen, que quando subias para o rochedo coberto de neve onde havia uma roseira de papel amarelo — roseira que até vou mandar guardar na cave — e o miraculado desmaiava ao ver-te, não me digas que levavas isso a sério?!

Breve silêncio.

CARMEN

Lembre-se, D. Irma, que nos proibiu de falar cá fora do que se passa lá dentro, nas sessões. Portanto, não pode saber absolutamente nada dos nossos verdadeiros sentimentos. A senhora limita-se a observar, de longe, como patroa. Mas se alguma vez vestisse o manto e o véu azul, fosse a penitente descrucificada, a égua do General, ou a saloia atirada para o meio da palha...

IRMA, *chocada*

Eu!

CARMEN

Sim! Ou a criada boazona de avental cor de rosa, ou a arquiduquesa violada pelo polícia, ou... bem, não me vou pôr aqui a enumerar toda a nomenclatura, então compreenderia o que isso nos deixa cá por dentro e a necessidade que temos de voltar costas a tudo isso com um pouco de ironia. Mas a senhora nem sequer gosta que falemos dessas coisas, entre nós! Parece que tem medo dum sorriso, duma piada...

IRMA, *bastante severa*

Realmente, não permito brincadeiras. Uma gargalhada, ou um simples sorriso podem estragar tudo. Onde há sorriso, há dúvida. Os clientes gostam de cerimónias graves. Com suspiros. A minha casa é um local austero. Em contrapartida, deixo-as jogar as cartas.

CARMEN

Não, a senhora não deve ficar admirada com a nossa tristeza. *(Pausa.)* Basta-me

pensar na minha filha para que os soluços me venham à boca.

Irma levanta-se, porque ouviu tocar uma campainha. Dirige-se a esse aparelho insólito, colocado à esquerda, e que consiste num visor, num auscultador e numa enorme quantidade de alavancas. Enquanto fala, vai observando através do visor, depois de ter baixado uma alavanca.

IRMA, *sem olhar para Carmen*

Sempre que te faço uma pergunta um pouco mais íntima, ficas transtornada e atiras-me à cara a tua filha. Continuas ainda a querer ir vê-la? Vê se tens juízo: entre a nossa casa e a aldeia da tua ama há fogo, água, revolta e ferro. Pergunto a mim própria se...

A campainha volta a tocar. Irma ergue uma alavanca e baixa outra...

... se o senhor Georges não se teria já posto a caminho. Não há chefe de Polícia que não saiba defender-se. E o meu gorducho, não é parvo nenhum...

Vê as horas num relógio que tirou da blusa.

Já está atrasado. *(Parece inquieta.)* Ou então não se aventurou a sair. E ele, se não é parvo, também não deixa de ser um cagarola.

CARMEN

Para virem aqui aos seus salões, D. Irma, estes senhores atravessam o campo de batalha sem receio, eu, para ver a minha filha...

IRMA

Sem receio? É o cagaço que os excita, filha. Por detrás desse muro de ferro e de fogo, põem-se de ventas no ar a farejar orgias. Mas voltemos às nossas contas, está bem?

CARMEN, *após uma pausa*

Ao todo, se incluir o marinheiro e os passes simples, dá trinta e dois mil.

IRMA

Quanto mais se mata nesses bairros, mais os homens acorrem aos meus salões.

CARMEN

Os homens?

IRMA, *depois duma pausa*

Alguns. Atraídos pelos meus espelhos e pelos meus lustres. E sempre os mesmos. Para os outros, o heroísmo substituiu a mulher.

CARMEN, *amarga*

A mulher?

IRMA

Como é que hei-de chamar-vos, minhas grandes, minhas longas estéreis? Jamais fecundadas por eles, e no entanto... se não fossem vocês...

CARMEN, *agora com ar reverente e atencioso*

A senhora tem também os seus prazeres, D. Irma.

IRMA

A minha tristeza, a minha melancolia vêm-me deste jogo glacial. Felizmente, tenho

as minhas jóias. Aliás, pouco seguras, neste momento. *(Sonhadora.)* Tenho as minhas festas... e tu, as orgias do teu coração...

CARMEN

...Não resolvem as coisas, minha cara patroa. A minha filha gosta de mim.

IRMA, *que está muito didáctica, nesta altura*

És a princesa distante que vai visitá-la, levando-lhe brinquedos e perfumes. Para ela és uma santa do Céu. *(Rindo às gargalhadas.)* Ah, esta é forte demais! Ainda há alguém neste mundo para quem o meu bordel, o Inferno, é o Céu! É o Céu para a tua miúda! *(Ri.)* Quando crescer, vais fazer dela uma puta?

CARMEN

D. Irma!

IRMA

Tens razão. É melhor deixar-te sozinha com esse teu bordel secreto, precioso e cor de rosa, esse teu antro sentimental...

Achas-me cruel? Também a mim, esta revolta, me tem dado cabo dos nervos. Tenho passado por momentos de medo, de pânico... Tu é que não te apercebes. Até penso que a revolta não tem como objectivo a tomada do Palácio Real, mas a pilhagem dos meus salões. Tenho medo, Carmen. Tenho tentado tudo, já me pus a rezar. *(Sorri penosamente.)* Sim, como o teu miraculado. Estou a ser cruel contigo, Carmen?

CARMEN, *resoluta*

Duas vezes por semana, à terça e à quinta, fui a Imaculada Conceição de Lourdes e aparecia para regalo dum guarda-livros do Crédit Lyonnais. Para a senhora, a coisa era dinheiro em caixa e a justificação do bordel. Para mim era...

IRMA, *admirada*

Mas tu aceitaste! E não parecias contrariada.

CARMEN

Sim, era feliz.

IRMA

Então? Onde está o mal?

CARMEN

Pude ver o efeito que provocava nesse pobre guarda-livros. Vi as suas angústias, os seus suores, as suas agonias...

IRMA

Cala-te. O homem nunca mais voltou. Sabe-se lá porquê. Teria medo do perigo? Ou da mulher? *(Pausa.)* Se calhar, morreu. Esquece-te disso e pensa mas é nas minhas contas.

CARMEN

As suas contas nunca conseguirão fazer-me esquecer as minhas aparições. Eram tão verdadeiras como as de Lourdes. Mas agora, tudo em mim se volta para a minha filha, D. Irma. A minha filha vive num verdadeiro jardim...

IRMA

Mas tu não podes ir ter com ela e daqui a pouco esse jardim só existirá no teu coração.

CARMEN

Cale-se!

IRMA, *inexorável*

A cidade está cheia de mortos. Os caminhos cortados. A revolta começa a conquistar os camponeses. Mas porquê, meu Deus? Será contágio? A revolta é uma epidemia. Ambas têm um destino fatal e sagrado. Seja como for, cada vez ficaremos mais isolados. Os revoltosos atiram-se ao Clero, ao Exército, à Magistratura, a mim, Irma, madrinha chulona e patroa de putas. Tu, Carmen, acabarás morta, rebentada, e a tua filha será adoptada por algum rebelde virtuoso. *(Tem um estremecimento.)*

Uma campainha toca. Irma corre para o aparelho, vê e escuta como fez há pouco.

Salão 24, o salão das Areias. O que terá acontecido?

Observa, atenta. Grande pausa.

CARMEN, *que se tinha sentado ao toucador de Irma e voltara às contas. Sem levantar a cabeça*

Foi a Legião?

IRMA, *sem desviar os olhos do aparelho*

Foi o Legionário heróico que caiu sobre as areias. A Raquel, a idiota, atirou-lhe uma seta e apanhou-lhe a orelha. O homem podia ter ficado desfigurado. Também que ideia, aquela de ser alvo de um árabe e de morrer — salvo seja! — em atitude de defesa, sobre um monte de areia!

Pausa. Irma olha atentamente.

Ah, a Raquel está a tratar dele. Preparou-lhe um penso e o homem está com um ar feliz. *(Segue interessada o que se vai passando.)* Sim senhor, parece que está a gostar! Tenho a impressão de que está com vontade de modificar a cena e que a partir de hoje quererá morrer no hospital militar, assistido por alguma enfermeira... Mais uma farda que tenho de comprar. Despesas, sempre despesas. *(Subitamente inquieta.)*

Não, a coisa assim não me está a agradar. Esta Raquel preocupa-me cada vez mais. Oxalá não me pregue a mesma partida que a Chantal me pregou. *(Voltando-se para Carmen.)* E a propósito, sabe-se alguma coisa da Chantal?

CARMEN

Absolutamente nada.

IRMA, *aproximando-se novamente do aparelho*

E este aparelho que funciona cada vez pior! Que está ele a dizer? Está a explicar qualquer coisa... a Raquel está a ouvir... já compreendeu. Receio que ele também compreenda.

A campainha volta a tocar. Irma mexe noutra alavanca e observa.

Alarme falso. É o canalizador que se vai embora.

CARMEN

Qual canalizador?

IRMA

O verdadeiro.

CARMEN

E qual é o verdadeiro?

IRMA

O que arranja as torneiras.

CARMEN

O outro é falso?

IRMA, *encolhendo os ombros e voltando à primeira alavanca*

Tal e qual como eu dizia: as três ou quatro gotas de sangue na orelha deram-lhe inspiração. Agora deixa que lhe façam festas. Amanhã de manhã estará fino para voltar à embaixada.

CARMEN

Ele é casado, não é?

IRMA

Por princípio, não gosto de falar da vida privada dos meus visitantes. A minha *Varanda* é conhecida em todo o mundo. É a mais intelectual, a mais honesta casa de ilusões...

CARMEN

Honesta?

IRMA

Discreta. Mas para ser franca contigo, a mais indiscreta: sim, os meus visitantes são quase todos casados.

Uma pausa.

CARMEN, *pensativa*

Quando estão com as mulheres, quando fazem amor com elas, devem ter presente este gozo, reduzido e minúsculo... que obtêm num bordel...

IRMA, *chamando-a à ordem*

Então, Carmen!

CARMEN

Perdão, minha senhora... numa casa de ilusões. Estava a dizer que devem ter presente este gozo reduzido e minúsculo que obtêm numa casa de ilusões. No fundo, lá bem no fundo dos seus pensamentos, mas sempre presente. Não acha?

IRMA

É muito possível, minha querida. Deve ser como uma lamparina que ficou do 14 de Julho e que espera por outra, ou, se quiseres, como uma luz imperceptível na janela imperceptível dum castelo imperceptível; luz essa que eles podem de repente aumentar quando pretendem repouso. *(Rajada de metralhadora.)* Estás a ouvi-los? Aproximam-se. Querem liquidar-me.

CARMEN, *desenvolvendo o seu pensamento*

Acho que nos devemos sentir bem numa casa autêntica...

IRMA, *cada vez mais assustada*

Vão conseguir cercar o bordel antes do senhor Georges chegar... Um facto é certo: as

paredes não são suficientemente fortes, as janelas estão mal calafetadas... Ouve-se tudo o que se passa na rua. E na rua, deve ouvir-se tudo o que se passa aqui em casa...

CARMEN, *continuando pensativa*

Numa casa autêntica, deve-se estar bem...

IRMA

Experimenta. Mas, Carmen, se as outras também começassem a pensar assim, era a ruína do meu bordel! Realmente, a tua aparição está a fazer-te falta. Ouve, vou fazer qualquer coisa por ti. Tinha-o prometido à Regina, mas ofereço-te a ti. Se tu quiseres, claro. Ontem, pediram-me pelo telefone uma Santa Teresa... *(Pausa.)* É claro, que passar de Imaculada Conceição para Santa Teresa é descer muito baixo, mas também não é mau de todo... *(Pausa.)* Não dizes nada? É para um banqueiro. Um tipo muito fino. Nada exigente. Se quiseres, dou-to. Se os revoltosos forem esmagados, evidentemente.

CARMEN

Gostava da minha túnica, do meu véu, da minha roseira.

IRMA

Nos quadros de Santa Teresa também há uma roseira. Pensa no assunto.

Pausa.

CARMEN

E o pormenor verdadeiro, qual é?

IRMA

A aliança. Ele previu tudo. A aliança de casamento. Não sei se sabes que cada religiosa, como esposa de Deus, deve usar uma aliança.

Gesto de espanto de Carmen.

É verdade. É isso que vai provar-lhe que está perante uma verdadeira religiosa.

CARMEN

E o pormenor falso?

IRMA

É quase sempre o mesmo: rendas pretas por baixo da saia de burel. Então, acei-

tas? Tens esse ar doce que ele adora, ele vai ficar satisfeito.

CARMEN

Como a senhora é boa ao pensar nele.

IRMA

Estou a pensar em ti.

CARMEN

Como a senhora é boa, D. Irma. Não estou a ironizar. Esta casa tem como fim oferecer consolo. A senhora monta e prepara todas estas encenações clandestinas... Mas com os pés na terra. A prova é que vai embolsando. Agora eles... devem ter um despertar horrível. Mal a coisa acaba, é preciso recomeçar novamente tudo.

IRMA

Felizmente para mim.

CARMEN

... Recomeçar novamente tudo, e sempre a mesma aventura. Da qual eles gostariam de nunca mais sair.

IRMA

Tu não percebes nada. Eu vejo tudo isso com os olhos deles: depois da festa, ficam com o espírito livre. Voltam a compreender as matemáticas. A amar os filhos e a pátria. Como tu.

CARMEN, *empertigando-se*

Filha dum oficial superior...

IRMA

Eu sei. É sempre bom ter uma num bordel. Mas diz-me cá, o que são na vida os Generais, os Bispos, os Juizes?...

CARMEN

De que Generais, Bispos e Juizes está a falar a senhora?

IRMA

Dos verdadeiros.

CARMEN

Mas quais são os verdadeiros? Os que vêm aqui?

IRMA

Os outros. Eles são na vida, suportes duma parada que devem arrastar pela lama do real e do quotidiano. Na minha casa, a Comédia e a Aparência mantêm-se puras, e a Festa intacta.

CARMEN

As festas que ofereço a mim própria...

IRMA, *interrompendo-a*

Sei muito bem quais são: o esquecimento das festas deles.

CARMEN

E acha mal?

IRMA

As deles são o esquecimento das tuas. Também eles gostam dos filhos que têm. Mas só depois.

Nova campainhada, como as anteriores. Irma, que continua sentada junto do aparelho, volta a

utilizar o visor e o auscultador. Carmen regressa à contabilidade.

CARMEN, *sem levantar a cabeça*

É o Chefe da Polícia?

IRMA, *descrevendo a cena*

Não. É o rapaz do restaurante que acaba de chegar. Vai refilar outra vez... já está, está furioso porque a Elyane traz um avental branco.

CARMEN

Já tinha prevenido a senhora. O que ele quer é um avental cor de rosa.

IRMA

Amanhã vais à loja, se estiver aberta, e compras também um espanador para o empregado dos caminhos de ferro. Um espanador verde.

CARMEN

Oxalá a Elyane não se esqueça de deixar cair a gorgeta no chão. Ele exige uma verdadeira zaragata. E os copos sujos.

IRMA

Querem todos que tudo seja o mais verdadeiro possível... Excepto algo, indefinível, que faz com que nada seja verdadeiro. *(Mudando de tom.)* Ouve, Carmen. Fui eu quem decidiu chamar casa de ilusões ao meu negócio. Mas limito-me a ser a directora e cada um, quando aqui entra, traz consigo uma encenação pessoal e perfeitamente organizada. Eu só tenho que lhe alugar a sala, fornecer os adereços, os actores e as actrizes. Minha filha, consegui que esta casa se desprendesse da terra — percebes o que eu digo? Preparei-lhe durante muito tempo as asas para agora voar, voar, livre de amarras. Ou se quiseres, para agora errar pelo céu, levando-me consigo. Pois bem, minha querida... — deixa que te dirija algumas frases ternas — toda a patroa tem, tradicionalmente, uma leve inclinação por uma das pequenas...

CARMEN

Já tinha reparado, D. Irma. Também eu, às vezes...

Olha para Irma de maneira lânguida.

IRMA, *levantando-se e olhando Carmen*

Sinto-me um pouco perturbada, Carmen. *(Longa pausa.)* Como estava a dizer-te, minha filha, esta casa só deixa a terra verdadeiramente e vagueia pelo céu quando eu, no íntimo do coração, e convictamente, me designo a mim própria patroa de putas. Sim, minha querida, quando para mim própria repito secretamente e em silêncio: «És uma madrinha chulona, uma patroa de putas», minha cara, tudo *(subitamente lírica)* tudo se ergue do chão: lustres, espelhos, tapetes, pianos, cariátides e os meus salões, os meus célebres salões: o salão dos Fenos, cheio de cenas rústicas, o salão das Torturas, salpicado de sangue e lágrimas, o salão-sala do Trono, coberto de veludo com a flor de lis, o salão dos Espelhos, o salão Nobre, o salão dos Jogos de Água perfumada, o salão Urinol, o salão Anfitrite, o salão Luar, tudo se ergue do chão: salões. — Ah! Esquecia-me do salão dos Mendigos, dos Pedintes, onde se exalta a porcaria e a miséria. Salões, raparigas... *(Muda de tom.)* Ah! e esquecia-me do mais belo de todos, a peça mais perfeita, coroa de todo o edifício — quando estiver acabado —, o salão funerário decorado com urnas de mármore, o meu salão da Morte solene, o Tú-

mulo! O salão Mausoléu... Repito: salões, raparigas, cristais, rendas, varanda, tudo se ergue do chão, se eleva e me arrebata!

Longa pausa. As duas mulheres ficam imóveis, de pé, em frente uma da outra.

CARMEN

Como a senhora fala bem!

IRMA, *modesta*

Marrei que me fartei, mas consegui o canudo!

CARMEN

Já tinha reparado. O meu pai, um coronel de artilharia...

IRMA, *rectificando com severidade*

De cavalaria, minha filha.

CARMEN

Tem razão, desculpe. O coronel de cavalaria bem queria dar-me instrução. Mas

eu... Agora a senhora, sim! Conseguiu organizar à sua volta um teatro faustoso, uma festa cujos esplendores a envolvem e escondem dos olhares do mundo. Todo este aparato fazia falta ao seu putanismo. E eu? Seria apenas eu e nada mais que isso? Não, minha senhora. Ajudada pelo vício e pela miséria dos homens, também eu tive a minha hora de glória! Daqui, de auscultador nos ouvidos e de visor nos olhos, a senhora podia ver-me, em pose, soberana e serva, maternal e mulher, pisando a serpente de cartão e as rosas de papel; podia ver também o guarda-livros do Crédit Lyonnais de joelhos à minha frente desmaiar com a minha aparição. Mas não lhe podia ver o rosto, o olhar extasiado, nem podia sentir o bater louco do meu coração. O meu véu azul, a túnica azul, o dossel azul, o olhar azul...

IRMA

Cor de tabaco, minha filha.

CARMEN

Azul. Nesse dia, era azul. Para ele, eu era a descida dos Céus em pessoa. Em frente da Virgem, que eu representava, qualquer espanhol teria rezado e feito promessas. O pobre homem exaltava-me, confundia-me

com a cor que tanto idolatrava e quando me levava para a cama, era o azul o que ele possuía... Mas nunca mais voltarei a fazer aparições.

IRMA

Ainda há pouco te propus seres a Santa Teresa.

CARMEN

Não me sinto em forma, D. Irma. É preciso saber o que o cliente vai exigir de nós. Que tudo esteja em ordem e saia perfeito.

IRMA

Toda a puta deve saber: posso falar assim? ao ponto a que chegámos, é como falar entre homens — toda a puta deve saber enfrentar qualquer situação.

CARMEN

Sou uma das suas putas, minha senhora, e uma das melhores. Posso gabar-me disso. Numa só noite posso fazer...

IRMA

Conheço muito bem os teus recordes. Mas quando te exaltas a partir da palavra puta, a repetes e te enfeitas com ela como... como... como... *(procura a palavra e encontra-a)* ... como se fosse um adereço, é totalmente diferente de quando eu a utilizo para designar uma função. Mas tens razão em exaltar o teu ofício e fazer dele a tua glória, minha querida. Dá-lhe esplendor. Que ele te ilumine, já que é a única coisa que tens. *(Terna.)* Farei tudo para te ajudar... Tu não és apenas a jóia mais pura das minhas raparigas, és também aquela a quem dedico toda a minha ternura. Nunca me abandones... Terias coragem de me deixar quando tudo se desmorona por toda a parte? A morte — a verdadeira, a definitiva — ronda a minha porta, está debaixo das minhas janelas...

Rajada de metralhadora.

Não ouves?

CARMEN

O exército bate-se com valentia.

IRMA

Mas os revoltosos são ainda mais valentes. E nós vivemos paredes meias com a catedral, a dois passos do arcebispado. Não tenho a cabeça a prémio, não, isso seria demasiado belo; em todo o caso, sabe-se que ofereço jantares a pessoas ilustres. Têm-me debaixo de olho. E não há homens nesta casa.

CARMEN

Há o senhor Arthur.

IRMA

Estás a gozar comigo! Isso não é um homem, é o meu acessório. E logo que a sessão dele acabar vou mandá-lo à procura do senhor Georges.

CARMEN

Temos de pensar no pior...

IRMA

Se os revoltosos ganharem, estou perdida. São operários, sem imaginação. Gente austera e provavelmente virtuosa.

CARMEN

Depressa se habituarão ao deboche. Um pouco de tédio é o suficiente.

IRMA

Estás enganada. Não, essa gente não tem tempo para tédios. Eu é que estou em piores lençóis. Para vocês, raparigas, é muito diferente. Em todas as revoluções existe a puta inflamada que canta a *Marselhesa* e fica de novo virgem. Talvez possas ser tu. E o papel das outras é dar de beber, misericordiosamente, aos moribundos. Depois... casam-vos a todas. Não gostavas de te veres casada?

CARMEN

Flor de laranjeira, véu branco...

IRMA

Assim mesmo, galdéria! Casamento, para ti quer dizer fingimento. Vê-se mesmo que pertences a esta casa, meu amor. Não, também não sou capaz de te imaginar casada. Além disso, eles não pensam senão em assassinar-nos. Havemos de ter uma bonita

morte, Carmen. Uma morte terrível e sumptuosa. Acabarão por invadir estes salões, por quebrar estes cristais, rasgar estes brocados e, por fim, cortar-nos o pescoço...

CARMEN

Hão-de ter pena de nós...

IRMA

Nem penses nisso. Mais exaltados ficarão quando souberem do sacrilégio. De capacete e botas, de boné e em desalinho, irão dar cabo de nós a ferro e fogo. Vai ser fantástico. Não podemos desejar melhor fim. E tu, tu pensas em abandonar-me...

CARMEN

Mas, D. Irma...

IRMA

Agora que a casa vai arder, agora que a rosa vai ser apunhalada, tu, Carmen, preparas-te para te pores a andar!

CARMEN

A senhora não sabe porque é que eu quis sair?

IRMA

A tua filha morreu, Carmen.

CARMEN

D. Irma!

IRMA

Morta ou viva, a tua filha morreu. Pensa no seu túmulo enfeitado com malmequeres e coroas perladas, ao fundo dum jardim... jardim esse que o teu coração acolhe e onde tu podes tratar dele...

CARMEN

Gostava tanto de voltar a vê-la...

IRMA, *continuando a fala anterior*

... a sua imagem na imagem do jardim e o jardim no teu coração sob a túnica ardente de Santa Tereza. E tu, ainda hesitas!... Ofereço-te a morte mais desejada, e tu hesitas!... És uma fraca.

CARMEN

Sabe muito bem que estou muito ligada à senhora.

IRMA

Ensinar-te-ei os algarismos! Esses algarismos maravilhosos que nos farão passar as noites juntas, a desenhá-los.

CARMEN, *num tom suave*

A guerra torna-nos violentas. A senhora bem o disse, é a horda!

IRMA, *triunfante*

A horda! Mas nós, nós temos as nossas gentes, os nossos exércitos, as nossas milícias, legiões, batalhões, navios, arautos, clarins, trombetas, as nossas cores, auriflamas, estandartes, pendões... e os nossos algarismos para nos levarem à catástrofe! A morte? Sim, a morte certa, mas com que arrebatamento! Sim, com que arrebatamento!... *(Melancólica.)* A não ser que Georges ainda seja todo-poderoso... E, acima de tudo, consiga atravessar a horda para vir em nosso auxílio. *(Grande suspiro.)* É melhor

vestires-me. Mas, primeiro, deixa-me vigiar a Rachel.

A mesma campainha de há pouco. Irma espreita pelo visor.

Com este aparelho, posso vê-los e ouvir os seus suspiros. *(Pausa. Irma continua a olhar.)* Lá vai o Cristo com os seus adereços. Nunca percebi porque é que ele se faz amarrar à cruz com as cordas que traz dentro da mala. Serão cordas bentas? E onde as porá ele quando volta para casa? Que se lixe. Deixa-me ver o que faz a Rachel. *(Manipula uma outra alavanca.)* Ah, já acabaram. Estão a conversar e a arrumar as setas, o arco, as ligaduras, o quepi branco... Não gosto nada da maneira como olham um para o outro. *(Volta-se para Carmen.)* A assiduidade tem os seus perigos. Mal de mim se os clientes trocassem com as raparigas um sorriso mais familiar, uma piscadela de olho ou tivessem qualquer atrevimento! E pior seria se entrasse em cena o amor. *(Puxa maquinalmente uma alavanca e põe o auscultador no descanso. Pensativa.)* O Arthur deve ter acabado a sessão e estar a chegar... Anda, filha, veste-me.

CARMEN

O que quer a senhora vestir?

IRMA

Dá-me o roupão creme.

Carmen abre a porta dum armário e tira de lá um roupão, enquanto Irma vai despindo o saia e casaco.

Ouve, Carmen, o que é feito da Chantal?...

CARMEN

Que diz a senhora?

IRMA

Estou a falar da Chantal. Sabes alguma coisa dela?

CARMEN

Passei em revista as raparigas todas: Rosine, Elyane, Florence, Marlyse. Todas elas prepararam o seu relatoriozinho. Hei-de

lho mostrar. Mas não adiantam grande coisa. É antes, que é preciso espiar. No meio da desordem, torna-se mais difícil. Em primeiro lugar, os campos são muito mais precisos, pode-se escolher. Na paz, é tudo muito vago. Não se sabe bem quem é que se trai. Ou se há traição. E quanto a Chantal, nada. Nem sequer se sabe se ainda está viva.

IRMA

Mas ouve, Carmen, não terias escrúpulos?

CARMEN

Nenhuns. Entrar num bordel significa recusar o mundo. Aqui estou, aqui ficarei. A minha realidade, são os espelhos, as ordens, as paixões da senhora. Que jóias quer pôr?

IRMA

Os diamantes. As minhas jóias. A única coisa verdadeira que possuo. Certa de que todo o resto é pechisbeque, tenho as minhas jóias como outras têm uma filha a passear num jardim. Vamos, quem traiu? Não tens coragem para mo dizer?

CARMEN

Todas essas mulheres desconfiam de mim. Limitei-me a fazer um relatório do que elas me disseram. Entregá-lo-ei à senhora, a senhora entregá-lo-á à Polícia e esta fará o seu dever. Eu, não sei de nada.

IRMA

És uma mulher prudente. Dá-me cá um lenço.

CARMEN, *trazendo um lenço de renda*

Vista daqui, onde os homens se desabotoam de todas as maneiras e feitios, a vida parece-me tão distante, tão profunda, que é tão irreal como um filme ou o nascimento do Menino Jesus nas palhinhas. Quando um homem, no quarto, chega ao ponto de se esquecer e de me dizer: «Amanhã vão atacar o arsenal», tenho a sensação de estar a ler uma frase obscena. O seu acto parece-me tão louco, com tanto volume... como os que são descritos, de certa maneira, em certas paredes... Não, D. Irma, não sou uma mulher prudente.

Batem à porta. Irma fica sobressaltada, corre para o aparelho que, graças a um mecanismo accionado por um botão, se oculta na parede. Durante toda a cena com Arthur, Carmen despe e torna a vestir Irma, de forma a estar pronta na altura em que entra o Chefe da Polícia.

IRMA

Entre!

A porta abre-se. Entra o Carrasco, que a partir de agora passará a ser Arthur. Traz o fato clássico do chulo: cinzento claro, chapéu de feltro branco, etc., e entra a apertar o nó da gravata. Irma examina-o minuciosamente.

Já acabou a sessão? O velho despachou-se depressa.

ARTHUR

É verdade. Ficou a abotoar-se. Gozou que se fartou. Duas sessões em meia hora.

Com o tiroteio que está lá fora, sempre quero saber como é que ele vai chegar a casa! *(Imita o Juiz do segundo quadro.)* Ouve o que Minos te diz... Ouve a sua decisão... Cérbero?... Ão! Ão! Ão! *(Mostra os dentes e ri.)* O Chefe da Polícia ainda não chegou?

IRMA

E tu, não bateste demais na rapariga? Da última vez, a desgraçada teve de ficar dois dias de cama.

Carmen trouxe o roupão de renda. Irma está agora em combinação.

ARTHUR

Não me venhas com a história da menina pura e da puta falsa. Tanto na última vez como hoje, ela teve a sua conta: em massa e em pancada. Nem mais nem menos. O banqueiro gosta de lhe ver as costas bem marcadas e eu faço-lhe a vontade.

IRMA

E não sentes prazer nisso?

ARTHUR, *enfático*

Com ela não, só gosto de ti. O trabalho é o trabalho. Feito com austeridade.

IRMA, *autoritária*

Não tenho ciúmes da rapariga. O que não quero é que dês cabo do pessoal, cada vez mais difícil de renovar.

ARTHUR

Ainda tentei pintar-lhe as costas com mercurocromo duas ou três vezes, mas a coisa não resultou. O velho, quando chega, examina-a com cuidado e exige que eu lha entregue limpinha.

IRMA

Pintar-lhe as costas? Mas quem te autorizou uma coisa dessas? *(Para Carmen.)* Onde estão as pantufas, minha querida?

ARTHUR, *encolhendo os ombros*

Uma ilusão a mais ou a menos! Julguei que fazia bem. Mas agora arreio-lhe com força, está descansada. Ela berra que se farta e o tipo rasteja todo satisfeito.

IRMA

Tens de dizer à rapariga que uive menos. A casa está vigiada.

ARTHUR

Acabam de dizer na rádio que os bairros da zona Norte foram ocupados a noite passada. Mas o Juiz gosta de ouvir gritos. O Bispo é muito menos perigoso: contenta-se com perdoar os pecados.

CARMEN

Mas exige primeiro que os tenham cometido. A sua felicidade está em perdoar. Não, o melhor, é aquele que quer que lhe ponham as fraldas, que lhe batam no rabo e que o embalem até ficar a ressonar.

ARTHUR

E quem lhe faz festinhas? *(Para Carmen.)* És tu? Também lhe dás de mamar?

CARMEN, *seca*

Sou uma profissional que gosta de cumprir. De qualquer modo, o senhor Arthur traz

vestido um fato que não lhe autoriza brincadeiras. Um chulo tem um ricto próprio e nunca sorri.

IRMA

A Carmen tem razão.

ARTHUR

Quanto é que fizeste hoje?

IRMA, *na defensiva*

Eu e a Carmen ainda não acabámos as contas.

ARTHUR

Pois eu já fiz as minhas. E segundo os meus cálculos, deves ter feito uns vinte mil.

IRMA

É possível. Mas não tenhas medo, que não faço batota.

ARTHUR

Acredito em ti, meu amor. Mas é mais forte que eu: os números começam a orde-

mar-se-me na cabeça. Vinte mil! Guerra, revolta, tiroteio, neve, gelo, chuva, nada os detém. Pelo contrário. O bordel corre perigo, há gente a morrer ao lado, mas eles não desistem. Eu tenho-te aqui, em casa, senão...

IRMA, *num tom preciso*

O cagaço não te deixa sair à rua.

ARTHUR, *ambíguo*

Faria como os outros, meu amor. Aliás, o Chefe da Polícia tem a obrigação de me defender. Ou já te esqueceste da minha percentagenzinha?

IRMA

Vou dar-te o suficiente, descansa.

ARTHUR

És uma querida! Já encomendei umas camisas novas de seda. E sabes qual foi a cor que escolhi? Seda malva: como a dos teus *soutiens!*

IRMA, *enternecida*

Tem juízo. Não digas essas coisas à frente da Carmen.

ARTHUR

Então? É sim?

IRMA, *cedendo*

Está bem.

ARTHUR

E quanto?

IRMA, *refazendo-se*

Isso veremos. Preciso de fazer as contas com a Carmen. *(Meiga.)* Há-de ser mais que as minhas posses, fica descansado. Mas agora preciso absolutamente que vás à procura do Georges...

ARTHUR, *com uma ironia insolente*

O que é que estás a dizer, filha?

IRMA, *seca*

Estou a dizer que tens de ir procurar o senhor Georges. À Polícia, se for preciso. Tens de ir preveni-lo de que estou confiada nele.

ARTHUR, *levemente inquieto*

Estás a brincar comigo, não?

IRMA, *de repente muito autoritária*

O tom da minha última réplica deu-te bem a entender que agora não estou a representar. Pelo menos não estou a representar o papel de há pouco. E tu, deixa também de desempenhar o papel de chulo carinhoso e mau. Faz o que te mando, mas antes de saires pega no pulverizador. *(Para Carmen, que traz o objecto.)* Dá-lhe o pulverizador. *(Para Arthur.)* Vamos, de joelhos!

ARTHUR, *que se ajoelha enquanto perfuma Irma*

Para a rua?... Sozinho?... Eu?...

IRMA, *de pé em frente dele*

É preciso saber o que aconteceu ao Georges. Não posso ficar sem protecção.

ARTHUR

Mas eu estou aqui!...

IRMA, *encolhendo os ombros*

Tenho de proteger as minhas jóias, os meus salões e as minhas raparigas. O Chefe da Polícia já devia ter chegado há meia hora.

ARTHUR, *lastimoso*

Eu... no meio da rua?... Com esta neve... e este tiroteio?... *(Aponta para o fato que traz vestido.)* Eu que tinha vestido precisamente este fato para andar por aí, por esses corredores, a ver-me nos teus espelhos. E para que tu me visses vestido de chulo... Sabes bem que a seda é fraca protecção...

IRMA, *para Carmen*

Dá-me as minhas pulseiras, Carmen. *(Para Arthur.)* E tu, continua a perfumar-me.

ARTHUR

Não fui feito para andar lá fora, Irma. Há muito que vivo aqui entre as tuas pare-

des... A minha pele não poderia suportar o ar fresco das ruas... Ainda se pudesse disfarçar-me... Supõe que alguém me reconhece?...

IRMA, *irritada e girando sobre si própria em frente do pulverizador*

Vai rente às paredes. *(Pausa.)* Pega nesta pistola.

ARTHUR, *aterrado*

Queres que me mate?

IRMA

Não. Quero que a metas no bolso.

ARTHUR

No bolso? Queres que me ponha a dar tiros?

IRMA, *meiga*

Já te compenetraste do que realmente és? Um tipo mantido?

ARTHUR

Mantido, sim... *(Pausa.)* Tido e mantido... mas se puser os pés na rua...

IRMA, *autoritária, mas com doçura*

Tens razão. Nada de pistolas. Vamos, tira o chapéu, vai onde te disse e vem dizer-me o que se passa. Esta noite ainda tens uma sessão. Já estás informado?

Arthur atira com o chapéu.

ARTHUR, *quando se dirigia para a porta*

Outra? Esta noite? E o que é?

IRMA

Julgava que já te tinha dito: um morto.

ARTHUR, *com repugnância*

E o que é que eu tenho de fazer?

IRMA

Nada. Vais ficar quietinho e deixar-te amortalhar. Podes descansar à vontade.

ARTHUR

Mas porque hei-de ser eu? Pronto... Está bem. E quem é o cliente? Algum novo?

IRMA, *misteriosa*

Uma alta personalidade. Agora não me faças mais perguntas. Põe-te a andar.

ARTHUR, *vai a sair, mas hesita, e timidamente*

Não se beija o seu querido?

IRMA

Quando voltar. Se voltar...

Arthur, que continua de joelhos, sai.

Entretanto, abre-se a porta da direita e, sem bater, entra o Chefe da Polícia. Pesada peliça. Chapéu. Charuto. Carmen faz o gesto de ir chamar Arthur, mas o Chefe da Polícia impede-a.

Não, não, Carmen, fique. Gosto da sua presença. Quanto ao chuleco, ele que se avenha para me encontrar.

Sempre de chapéu, charuto e peliça, inclina-se diante de Irma e beija-lhe a mão.

IRMA, *oprimida*

Ponha a sua mão aqui. *(Em cima do seio.)* Sinto-me tão agitada! O coração ainda me bate! Sabia que o senhor vinha a caminho e corria perigo. Estava a perfurmar-me... mas esperava por si... ansiosa!

O CHEFE DA POLÍCIA, *desembaraçando-se do chapéu, das luvas, da peliça e do casaco*

Deixemo-nos de brincadeiras. A situação é cada vez mais grave — não é ainda desesperada, mas lá chegará — fe-liz-men-te! O castelo real está cercado. A rainha escondeu-se. A cidade, que eu atravessei milagrosamente, está a ferro e fogo, e banhada em sangue. Ao contrário desta casa, onde tudo se esvai numa morte lenta, lá fora, a

revolta é alegre e trágica. Esta noite jogo a minha última cartada: o túmulo ou o pedestal. Amá-la ou desejá-la, Irma, isso pouco importa. E o negócio, como vai?

IRMA

Às mil maravilhas. Tenho tido grandes representações.

O CHEFE DA POLÍCIA, *impaciente*

De que género?

IRMA

Carmen tem talento para as descrições. Pergunta-lhe.

O CHEFE DA POLÍCIA, *para Carmen*

Conta, Carmen. Ainda continuam...

CARMEN

Continuam sim, senhor Georges. Os mesmos pilares do Império.

O CHEFE DA POLÍCIA, *irónico*

As nossas alegorias, as nossas armas falantes. E que mais?...

CARMEN

Como todas as semanas, há um tema novo. *(Gesto de curiosidade por parte do Chefe da Polícia.)* Agora temos o bebé que leva palmadas no rabo e que só deixa de chorar quando a gente o embala.

O CHEFE DA POLÍCIA, *impaciente*

Sim. Mas...

CARMEN

É um bebé encantador, senhor Georges. Mas tão triste!

O CHEFE DA POLÍCIA, *irritado*

E que mais?

CARMEN

Fica tão bonito quando lhe tiramos as fraldas!

O CHEFE DA POLÍCIA, *cada vez mais furioso*

Estás a gozar comigo, Carmen? Eu pergunto é se estou presente?!

CARMEN

Se está presente?

IRMA, *irónica, não se sabe para quem*

Não, não está presente.

O CHEFE DA POLÍCIA

Ainda não? *(Para Carmen.)* Vamos, sim ou não, há algum simulacro?

CARMEN, *estúpida*

Simulacro?

O CHEFE DA POLÍCIA

Sim, idiota! O simulacro do Chefe da Polícia!

Silêncio pesadíssimo.

IRMA

Ainda lá não chegámos, meu caro. Por enquanto, as suas funções não têm ainda a suficiente nobreza para sugerir aos sonhadores uma imagem que os possa consolar. Talvez lhe faltem antepassados ilustres... Não, meu amigo... precisamos de fazer qualquer coisa por si: a sua imagem não teve ainda acesso às liturgias do bordel.

O CHEFE DA POLÍCIA

Quem são, então, os representados?

IRMA, *um pouco irritada*

Conhece-los muito bem. Tens as fichas deles *(contando pelos dedos):* dois reis de França, com cerimónias de sagração e rituais diferentes, um almirante a ir ao fundo agarrado à popa do seu torpedeiro, um chefe árabe que se rende, um bombeiro que apaga um fogo, uma cabra atada a uma estaca, uma dona de casa que volta da praça, um carteirista, um S. Sebastião, um lavrador na sua quinta... nenhum chefe de polícia... nem administrador colonial, um missionário a morrer agarrado à cruz, e o próprio Cristo em pessoa.

O CHEFE DA POLÍCIA, *depois duma pausa*

Esqueceste-te do mecânico.

IRMA

Esse deixou de vir. Tantos parafusos serrou que quase construiu uma máquina.

O CHEFE DA POLÍCIA

Queres dizer que nenhum dos teus clientes teve alguma vez a ideia... ainda que vaga e mal esboçada...

IRMA

Ninguém. Sei que você faz o que pode: umas vezes o ódio, outras vezes o amor: mas a glória não quer nada consigo.

O CHEFE DA POLÍCIA, *excitado*

A minha imagem aumenta cada vez mais, acredita. Torna-se colossal. Tudo à minha volta, ma repete e ma reenvia. Nunca a viste representada aqui, em tua casa?

IRMA

Talvez tenha sido celebrada, sem eu dar por isso. As cerimónias são todas secretas.

O CHEFE DA POLÍCIA

Aldrabona. Disfarçaste uma fresta em cada divisão. As paredes e os espelhos também são disfarçados. Aqui ouvem-se os suspiros, acolá o eco dos queixumes. Não sou eu quem te vai ensinar que os jogos de bordel são sobretudo jogos de espelhos... *(Muito triste.)* Com que então, ninguém; Não faz mal. Obrigarei a minha imagem a separar-se de mim, a penetrar à força nos teus salões, reflectida e multiplicada. As minhas funções são um fardo, Irma. Na tua casa, poderão surgir-me sob o sol terrível do prazer e da morte. *(Sonhador.)* Da morte...

IRMA

É preciso matar, meu querido Georges.

O CHEFE DA POLÍCIA

Faço o que posso, garanto-te. Cada vez têm mais medo de mim.

IRMA

Não o bastante. Tens de mergulhar em plena noite, entre a merda e o sangue. *(Subitamente angustiada.)* E matar o que ainda pode restar do nosso amor...

O CHEFE DA POLÍCIA, *num tom preciso*

Tudo morreu.

IRMA

É uma bela vitória. Mas agora é preciso matar à tua volta.

O CHEFE DA POLÍCIA, *irritado*

Já te disse que faço o que posso. E, ao mesmo tempo, quero provar à Nação que sou um chefe, um legislador, um edificador...

IRMA, *inquieta*

Estás a divagar. Tens a ilusão de construir um Império e estás a divagar.

O CHEFE DA POLÍCIA, *com convicção*

Abafada a revolta, e abafada por mim, a Nação e a rainha pedirão o meu auxílio e

ninguém mais conseguirá deter-me. Só então poderão saber realmente quem eu sou. *(Sonhador.)* Sim, minha querida, quero construir um Império... para que, em troca, o Império me construa...

IRMA

Um túmulo...

O CHEFE DA POLÍCIA, *levemente chocado*

E porque não? Todos os conquistadores têm o seu! Porque não um túmulo? *(Exaltado.)* Alexandria! Terei também o meu túmulo, Irma. E tu, quando lançarem a primeira pedra, estarás presente no melhor lugar.

IRMA

Fico-te muito agradecida. *(Para Carmen.)* Traz-me o chá, Carmen.

O CHEFE DA POLÍCIA, *para Carmen, que ia a sair*

Um minuto, Carmen. Que pensa você desta ideia?

CARMEN

Penso que está a confundir a sua vida com grandes cerimónias fúnebres.

O CHEFE DA POLÍCIA, *agressivo*

E o que é a vida? Você que tem o ar de saber tudo, vamos, diga-me: o que é a vida? Neste teatro sumptuoso, onde a cada instante se representa um drama — como, segundo se diz, se celebra no mundo uma missa — o que é que você observou?

CARMEN, *depois duma hesitação*

Realmente importante e que mereça ser mencionada, uma única coisa: é que um fato-macaco, sem as nádegas que costuma conter, é uma coisa bela, mesmo quando atirado sobre uma cadeira. Mas sem os nossos velhotes, os nossos ornamentos são duma tristeza de morte. São como os que enfeitam os catafalcos dos altos dignitários. Servem para cobrir cadáveres que nunca morrem, e no entanto...

IRMA, *para Carmen*

O senhor Chefe da Polícia referia-se a outra coisa.

O CHEFE DA POLÍCIA

Já estou habituado aos discursos de Carmen. *(Para Carmen.)* Dizia você...

CARMEN

E, no entanto, quando os vejo de olho reluzente ao descobrirem os ouropéis da cena, é o brilho da inocência que vejo nesse olhar...

O CHEFE DA POLÍCIA

Diz-se que esta casa os envia para a Morte.

De súbito, ouve-se a campainha. Pausa.

IRMA

Abriram a porta. Quem será, a estas horas? *(Para Carmen.)* Vá lá abaixo, Carmen, e feche a porta.

Carmen sai.
Grande pausa entre Irma e o Chefe da Polícia, que ficaram sós.

O meu túmulo!

IRMA

Fui eu que toquei. Queria ficar sozinha contigo alguns minutos.

Pausa enquanto os dois se fixam nos olhos, gravemente.

Ouve, Georges... *(Hesita.)* Queres continuar com este jogo? Não, não te impacientes. Ainda não te cansaste?

O CHEFE DA POLÍCIA

Mas... Daqui a nada vou voltar para casa.

IRMA

Se puderes. Se a revolta to permitir.

O CHEFE DA POLÍCIA

A revolta é um jogo. Daqui não consegues perceber o que se passa lá fora, mas

cada revoltado é um actor e gosta de representar o seu papel.

IRMA

E se eles se deixassem arrastar para além do próprio jogo? Quero dizer, se eles se levassem a sério a ponto de destruirem e substituirem tudo? Sim, sim, eu sei, há sempre um pormenor falso para lhes fazer lembrar que a certa altura, em determinado momento do drama, são obrigados a parar e a recuar... Mas poderia acontecer que, levados pela exaltação, deixassem de olhar as coisas e fossem cair, sem saber, na...

O CHEFE DA POLÍCIA

... Na realidade, queres tu dizer. E depois? Eles que tentem. Farei como eles, penetrarei, de repente, na realidade que o jogo nos propõe, e porque tenho o melhor papel, esmagá-los-ei.

IRMA

Eles serão os mais fortes.

Porque dizes «serão»? Deixei num dos teus salões os homens da minha escolta, para poder estar sempre em ligação com os meus serviços. Mas já chega de falar do que vai lá por fora. És ou não és a patroa duma casa de ilusões? Bem. Se venho a tua casa é para me satisfazer em frente dos teus espelhos, e entrar nos teus jogos. *(Terno.)* Acalma-te. Tudo se passará como das outras vezes.

IRMA

Hoje, não sei porquê, sinto-me inquieta. A Carmen parece-me estranha. E os revoltosos, como hei-de dizer-te, têm uma espécie de gravidade...

O CHEFE DA POLÍCIA

Exigências do papel...

IRMA

Não, não é gravidade. É determinação. Os que passam debaixo das minhas janelas têm um ar ameaçador e não cantam. No seu olhar lê-se a ameaça.

E então? Supondo que isso é assim, tomas-me por algum cobarde? Pensas que devo renunciar?

IRMA, *pensativa*

Não. Penso que é tarde de mais.

O CHEFE DA POLÍCIA

Tens informações?

IRMA

Através da Chantal, antes de fugir. A central eléctrica será ocupada às três da manhã.

O CHEFE DA POLÍCIA

Tens a certeza? Quem foi que lhe disse?

IRMA

Foram os guerrilheiros do quarto sector.

O CHEFE DA POLÍCIA

É provável. Mas como é que ela soube?

IRMA

Foi através dela que se verificaram rupturas, mas só através dela. Não vás pensar mal da minha casa.

O CHEFE DA POLÍCIA

Do teu bordel, meu amor.

IRMA

Bordel. Estaleiro de putas. Como tu quiseres. Mas volto a dizer que Chantal era a única que estava do outro lado... Foi-se embora. Mas antes, abriu-se com a Carmen e essa sabe viver.

O CHEFE DA POLÍCIA

E quem a pôs ao corrente?

IRMA

Roger. O canalizador. Mas se estás a pensar nalgum jovem belo, enganas-te. É um

tipo de quarenta anos, atarracado, de olhar malicioso e sério. Chantal falou com ele. Pu-lo na rua: mas já era tarde. Fazia parte da rede Andrómeda.

O CHEFE DA POLÍCIA

Andrómeda! Fantástico! A revolta exalta-se e exila-se a partir de baixo. Se começa por dar aos seus sectores nomes de constelações, não tarda a evaporar-se e a transformar-se em cânticos. Esperemos, ao menos, que sejam belos.

IRMA

E se os cânticos derem coragem aos revoltosos? E se estes quiserem morrer por eles?

O CHEFE DA POLÍCIA

A beleza dos cânticos acabará por enfraquecê-los. Infelizmente, não estão em nenhuma dessas situações: nem de beleza nem de fraqueza. Em todo o caso, os amores de Chantal foram providenciais.

IRMA

Não mistures Deus...

O CHEFE DA POLÍCIA

Sou mação, filha. Portando...

IRMA, *visivelmente estupefacta*

Nunca mo tinhas dito. Tu és...

O CHEFE DA POLÍCIA, *solene*

Sublime Príncipe do Segredo Real!

IRMA, *irónica*

Tu, irmão Três-Pontos! De avental. De martelo, cogula e vela! Tem piada. *(Pausa.)* Também tu?

O CHEFE DA POLÍCIA

Porquê? Tu também és?

IRMA, *comicamente solene*

Guardiã de ritos muito mais graves! *(Subitamente triste.)* Enfim, consegui lá chegar!

O CHEFE DA POLÍCIA

Como sempre, vais fazer-me lembrar os nossos antigos amores.

IRMA, *com doçura*

Não, os nossos amores não, o tempo em que nós nos amávamos.

O CHEFE DA POLÍCIA

E então? Queres fazer-lhes a história e o elogio? Julgas que as minhas visitas teriam menos sabor se deixassem de trazer à baila a recordação dessa suposta inocência?

IRMA

Estou a falar de ternura. Nem as mais extravagantes exigências dos meus clientes, nem a minha fortuna, nem os meus esforços para enriquecer os meus salões com novos temas, nem os tapetes, os dourados, os cristais, nem o frio podem impedir que tenha havido momentos em que te aninhavas nos meus braços, e que eu me lembre deles.

O CHEFE DA POLÍCIA

E hoje, lamentas esses momentos?

IRMA, *com ternura*

Daria o meu reino pelo regresso de um deles! E tu bem sabes qual é. Preciso duma palavra de verdade, uma que seja, como quando à noite a gente observa as rugas que tem na cara, ou limpa a boca...

O CHEFE DA POLÍCIA

É tarde demais. *(Pausa.)* E além disso, não podíamos continuar toda a vida abraçados um ao outro. Enfim, não sabes em que é que eu pensava, secretamente, quando estava nos teus braços.

IRMA

Sei é que te amava...

O CHEFE DA POLÍCIA

É tarde demais. E agora, eras capaz de deixar o Arthur?

IRMA, *ri, nervosamente*

Foste tu que mo impusestes. Exigiste que um homem se instalasse aqui — contra a minha vontade e contra a minha opinião — num lugar que devia permanecer virgem... Não rias, idiota. Virgem. Ou seja, estéril. Mas tu querias uma coluna, um eixo, um falo, aqui presente, inteiro, erguido, de pé. E ele aí está. Impuseste-me este monte de carne congestionada, esta menina de comunhão com braços de lutador. Só vês o aparato e esqueces a fragilidade. Foste tu que estupidamente mo impuseste, porque te sentias envelhecer.

O CHEFE DA POLÍCIA, *com a voz quebrada*

Cala-te.

IRMA, *encolhendo os ombros*

E afastaste-te disto a pretexto do Arthur. Não tenho ilusões. Sou eu o homem dele e é em mim que ele confia, mas sinto necessidade desse ouropel musculado, nodoso e estúpido, que não me larga as saias. É como se fosse o meu corpo, vivendo a meu lado.

O CHEFE DA POLÍCIA, *irónico*

E se eu fosse ciumento?

IRMA

Desse boneco enorme mascarado de carrasco para gozo dum juiz que se ergue do nada? Estás a rir-te de mim. Mas nem sempre te aborreces quando eu te apareço sob os traços desse corpo magnífico... Posso voltar a dizer-te...

O CHEFE DA POLÍCIA, *dá uma bofetada a Irma, que cai sobre o divã*

Deixa-te de lamúrias, senão ainda te parto as trombas e deito fogo à barraca. Ainda as hei-de queimar a todas pelos cabelos e abandoná-las depois. Iluminarei a cidade com putas a arder. *(Docemente.)* Achas que não sou capaz?

IRMA, *suspirando*

Acho sim, amor.

O CHEFE DA POLÍCIA

Então faz-me as contas. Se quiseres, podes até cortar nos luxos de seda do teu

Apolo. E despacha-te, tenho de voltar para o meu posto. Agora preciso de agir. Depois... Depois, tudo irá por si. O meu nome fará as coisas em meu lugar. Quanto ao Arthur...

IRMA, *submissa*

Morrerá esta noite.

O CHEFE DA POLÍCIA

Morrerá? Estás a falar em morrer de verdade?...

IRMA, *resignada*

Ora, Georges, como é que se morre aqui, na minha casa?

O CHEFE DA POLÍCIA

Ah sim? Quem é?

IRMA

O ministro...

É interrompida pela voz de Carmen.

VOZ DE CARMEN, *nos bastidores*

Fechem o salão 17! Élyane, despache-se! Faça descer o salão... Não, não, espere...

Ouve-se um barulho de rodas dentadas e enferrujadas (igual ao de alguns elevadores velhos).
Entra.

CARMEN

O enviado da Rainha está no salão, D. Irma...

Abre-se a porta da esquerda e aparece Arthur, a tremer e com o fato rasgado.

ARTHUR, *descobrindo o Chefe da Polícia*

O senhor está cá? Conseguiu cá chegar?

IRMA, *lançando-se nos seus braços*

Meu pobre pateta! Que aconteceu? Estás ferido?... Fala!... Oh, meu grande palerma!

ARTHUR, *ofegante*

Primeiro tentei ir à Polícia. Foi impossível. A cidade está a arder por toda a parte. Os revoltosos dominam tudo. O senhor não pode voltar para casa. Consegui alcançar o Palácio Real e falar com o Camareiro-Mor. Disse-me que ia tentar vir cá. E até me apertou a mão, diga-se de passagem. Depois voltei para a rua. As mulheres são as mais exaltadas, gritam e encorajam à pilhagem e à carnificina. Mas a mais terrível, era uma rapariga que cantava...

Ouve-se uma pancada seca. Um vidro da janela voa em estilhaços. E a um espelho, ao pé da cama, acontece o mesmo.
Arthur cai, atingido na testa por uma bala vinda de fora.
Carmen inclina-se para ele, mas volta a levantar-se.
Por sua vez, Irma inclina-se também e acaricia-lhe a testa.

O CHEFE DA POLÍCIA

Em suma, fiquei enjaulado no bordel. Portanto, é do bordel que preciso de agir.

IRMA, *para si própria, debruçada sobre Arthur*

Será que tudo me voltou as costas? Que tudo me foje das mãos?... (*Amarga*) Restam-me as minhas jóias... os meus diamantes... mas não por muito tempo... tenho a certeza...

CARMEN, *docemente*

Se a casa for pelos ares... O traje de Santa Teresa está no guarda-roupa, D. Irma?

IRMA, *erguendo-se*

Sim, do lado esquerdo. Mas primeiro, levem daqui o Arthur. Vou receber o Enviado da Rainha.

SEXTO QUADRO

CENÁRIO

O cenário representa uma praça com vários panos de sombra. Ao fundo, bastante

longe, adivinha-se a fachada da Varanda, *com as persianas corridas. Chantal e Roger estão abraçados. Três homens parecem protegê-los. Fatos pretos. Camisolas pretas. Seguram metralhadoras apontadas para a* Varanda.

CHANTAL, *terna*

Podes guardar-me no teu coração, se quiseres, meu amor. Mas agora, deixa-me partir.

ROGER

Amo-te com o teu corpo, os teus cabelos, o teu pescoço, o teu ventre, as tuas tripas, os teus humores, os teus odores. Chantal, amo-te na minha cama. Eles...

CHANTAL, *sorrindo*

Estão-se nas tintas para mim! Mas eu, sem eles, nunca serei nada.

ROGER

Tu és minha, Chantal. Fui eu que...

CHANTAL, *irritada*

Já sei. Foste tu que me arrancaste àquele túmulo. E agora, mal me vejo livre das fitas e dos laços, sou uma ingrata, e ponho-me a andar, atrás da aventura. *(De súbito, ternamente irónica.)* Mas és tu, Roger, quem eu amo, e só tu.

ROGER

Sim, mas como acabaste de dizer, pões-te a andar. E eu não posso ir atrás de ti, nessa corrida heróica e estúpida, ao mesmo tempo.

CHANTAL

Ora, Ora! Tens ciúmes de quem, ou de quê? Dizem que pairo, gloriosa, acima da insurreição, que sou a voz e a alma dela, enquanto tu não consegues erguer-te da terra. É o que te torna tão triste...

ROGER

Por favor, Chantal, não sejas tão ordinária. Se és capaz de ajudar [1]...

---

[1] Fazer dizer esta réplica em latim de igreja. Os chefes das revoltas passaram todos pelo seminário.

Um dos homens aproxima-se.

O HOMEM, *para Roger*

Então, é sim ou não?

ROGER

E se ela ficar?

O HOMEM

Só ta peço por duas horas.

ROGER

Chantal pertence...

CHANTAL

Não pertence a ninguém!

ROGER

Pertence à minha secção.

O HOMEM

Pertence à insurreição!

ROGER

Se querem uma mulher para divertir os homens, arranjem-na.

O HOMEM

Procurámos por toda a parte e não a encontrámos. Tentámos fabricar uma: com bela voz e peitos salientes, como deve ser; mas faltava-lhe o brilho no olhar, e o olhar sem brilho, não vale nada... Depois pedimos as dos bairros do Norte do bairro da Represa: não havia nenhuma livre.

CHANTAL

Uma mulher como eu? Outra? As minhas armas são esta cara de coruja e esta voz rouca: de boa vontade as dou ou empresto pelo ódio. Sei que não sou nada, que tenho apenas este rosto e esta voz e, dentro de mim, uma adorável bondade envenenada. E vocês arranjaram-me duas rivais populares, duas piolhosas? Que venham, que venham, que eu as farei morder o chão. Para mim não existe rival.

ROGER, *explodindo*

Fui arrancá-la, sim, arrancá-la, àquele túmulo para agora me fugir das mãos e bater a asa. Se vocês querem que eu a empreste...

O HOMEM

Não te estamos a pedir tanto. Se a levarmos connosco, há-de ser alugada.

CHANTAL, *divertida*

Por quanto?

ROGER

Mesmo que seja alugada para ir cantar e divertir a malta do vosso bairro, pode muito bem patinar e nós, acabamos por perder tudo. Não haverá ninguém para a substituir.

O HOMEM

Mas ela aceitou.

ROGER

Ela já não se pertence. É nossa. É a nossa bandeira. As mulheres que vocês têm só servem para arrancar e transportar pedras ou para carregar armas. Sei que isso também é útil, mas...

O HOMEM

Quantas mulheres queres tu em troca?

ROGER, *pensativo*

É assim tão preciosa a presença duma cantora no meio das barricadas?

O HOMEM

Quantas? Dez mulheres em troca de Chantal? *(Pausa.)* Vinte?

ROGER

Vinte mulheres? Vocês estariam prontos a pagar por Chantal vinte mulheres diminuídas, vinte bois, vinte cabeças de gado? Então Chantal é um ser de excepção? Sabes donde é que ela vem?

CHANTAL, *para Roger, violenta*

Volto todas as manhãs — as noites são para eu brilhar — volto para a barraca para lá dormir — castamente, meu querido, e me encharcar de vinho tinto. E com esta voz áspera, a raiva disfarçada, estes olhos de camafeu, este esplendor fingido, estes cabelos andaluzes, consolo e encanto os piolhosos. Eles acabarão por vencer e a minha vitória não deixará de ter a sua graça.

ROGER, *pensativo*

Vinte mulheres em troca de Chantal?

O HOMEM, *num tom preciso*

Cem.

ROGER, *sempre pensativo*

É através dela que nós vamos vencer, tenho a certeza. Chantal encarna a Revolução...

O HOMEM

Cem. Estás de acordo?

ROGER

E para onde é que a levas? O que é que ela irá fazer?

CHANTAL

Não te preocupes, tenho a minha estrela. Quanto ao resto, conheces o meu poder. As pessoas amam-me, ouvem-me e vão atrás de mim.

ROGER

O que é que ela tem de fazer?

O HOMEM

Praticamente nada. Atacaremos o Palácio de madrugada, como sabes. Chantal será a primeira a entrar e irá pôr-se a uma janela a cantar. Só isto.

ROGER

Cem mulheres. Mil ou talvez mais. Chantal deixou de ser uma mulher. O que fizerem dela, por ódio e desespero, tem também um preço. Foi para lutar contra uma imagem, que Chantal se fixou numa imagem. A luta

deixou de ser real, passou a ser em campo fechado. Sobre um campo azul. É o combate das alegorias. Nenhum de nós encontrava já razões para a revolta. E foi então que Chantal chegou.

O HOMEM

Vamos! A resposta é sim? Responde, Chantal. És tu quem deve responder.

CHANTAL, *para o homem*

Afasta-te. Tenho ainda algumas palavras a dizer.

Os três homens afastam-se e ficam na zona de sombra.

ROGER, *com violência*

Não te fui roubar para te transformares num licórnio ou numa águia de duas cabeças.

CHANTAL

Não gostas de licórnios?

ROGER

Nunca soube fazer amor com eles. *(Acaricia-a.)* Nem contigo, aliás.

CHANTAL

Queres tu dizer que não sei amar. Que te desaponto. Mas eu gosto de ti, Roger. E tu alugaste-me a troco de cem vivandeiras.

ROGER

Perdoa-me, Chantal. Fui obrigado a isso. Também eu te amo. Amo-te e não to sei dizer, e não sei cantar. E o último recurso é ainda cantar.

CHANTAL

Tenho de me ir embora antes que se faça dia. Se a Secção do Bairro Norte tiver êxito, dentro de uma hora a Rainha estará morta. O Chefe da Polícia terá perdido. Caso contrário, nunca mais sairemos deste bordel.

ROGER

Só mais um minuto, meu amor, minha vida. Ainda é noite.

CHANTAL

É a hora em que a noite se desfaz no dia, meu pombinho, deixa-me partir.

ROGER

Não conseguirei suportar os minutos que vou passar sem ti.

CHANTAL

Juro-te que não vamos estar separados. Quando falar com eles num tom glacial, murmurarei para ti palavras de amor. Podes ouvi-las daqui e eu ouvirei aquelas que tu me disseres.

ROGER

Eles podem dominar-te, Chantal. São fortes. São fortes como a morte, é o que dizem deles.

CHANTAL

Não tenhas receio, meu amor. Conheço o poder deles. Para mim, é mais forte o poder do teu carinho e da tua ternura. Irei falar-lhes com voz severa e dizer-lhes o que

o povo exige. E eles ouvir-me-ão, porque terão medo. Deixa-me partir.

ROGER, *num grito*

Amo-te, Chantal!

CHANTAL

Também eu te amo, Roger, por isso não posso perder tempo.

ROGER

Amas-me?

CHANTAL

Amo-te porque és terno e doce, tu, o mais duro, o mais severo dos homens. O teu carinho e a tua ternura tornam-te leve como um farrapo de tule, subtil como um floco de bruma, aéreo como um capricho. Os teus músculos espessos, os teus braços as tuas coxas, as tuas mãos, são mais irreais que a passagem do dia para a noite. Envolves-me e estás contido em mim.

ROGER

Eu amo-te, Chantal, porque tu és dura e severa, tu, a mais terna e doce das mulheres. O teu carinho e a tua ternura tornam-te severa como uma lição, dura como a fome, inflexível como um pedaço de gelo. Os teus seios, a tua pele, os teus cabelos são mais reais que a certeza do meio-dia. Envolves-me e estás contida em mim.

CHANTAL

Quando estiver com eles, quando lhes falar, hei-de ouvir dentro de mim os teus suspiros e os teus queixumes, o bater do teu coração. Deixa-me partir.

Roger retém-na.

ROGER

Ainda tens tempo. Ainda é escuro à volta dos muros. Vai pelas traseiras do Arcebispado. Conheces o caminho.

UM DOS REVOLTOSOS, *em voz baixa*

Está na hora, Chantal. Já é dia.

CHANTAL

Ouves? Estão a chamar-me.

ROGER, *de súbito irritado*

Mas porque hás-de ser tu? Nunca conseguirás falar com eles.

CHANTAL

Conseguirei melhor que ninguém. Possuo dons especiais.

ROGER

Mas eles são sabidos, manhosos...

CHANTAL

Inventarei os gestos, as atitudes, as frases. Antes deles dizerem palavra, já eu compreendi tudo; poderás orgulhar-te da minha vitória.

ROGER

Que os outros estejam contigo. *(Gritando para os revoltosos.)* Ponham-se a caminho! E se têm medo irei eu. Irei eu dizer-lhes que

devem submeter-se a nós porque nós somos a Lei.

CHANTAL

Não lhe dêem ouvidos, está embriagado. *(Para Roger.)* Eles só sabem combater e tu só sabes amar-me. É esse o papel que vocês aprenderam a representar. Comigo é diferente. O bordel serviu-me de escola. Foi graças a ele que aprendi a arte de fingir e de representar. Fui obrigada a saber tantos papéis que os seis praticamente todos. Tive tantos parceiros...

ROGER

Chantal!

CHANTAL

Conheci tanto sabido, tanto manhoso, tanto bem falante que, através deles, consegui uma ciência, uma astúcia, uma eloquência, incomparáveis. Posso tratar por tu a Rainha, o Herói, o Juiz, o Bispo, o General, a Companhia heróica... e enrolá-los a todos.

ROGER

Conheces todos os papéis, não é verdade? Ainda há pouco me davas a réplica.

CHANTAL

Isso aprende-se depressa. E até tu...

Os três revoltosos aproximam-se.

UM DOS REVOLTOSOS, *puxando por Chantal*

Basta de paleio. Toca a andar.

ROGER

Não vás, Chantal!

CHANTAL, *irónica*

Envolvo-te e estás contido em mim, meu amor...

Desaparece na direcção da Varanda, *empurrada pelos três homens.*

ROGER, *sozinho, imitando a voz de Chantal*

Tive tantos parceiros. Conheci tanto sabido, tanto manhoso... *(Retomando a sua voz.)* Chantal vai precisar de muita coragem para lhes dar resposta. A resposta que eles exigem. Chantal vai ter agora parceiros manhosos e sabidos. Chantal será a resposta que eles tanto anseiam.

À medida que Roger fala, o cenário afasta-se para a esquerda e faz-se escuro; Roger vai-se afastando também e entra nos bastidores. Quando volta a luz, vê-se o cenário do quadro seguinte.

SÉTIMO QUADRO

CENÁRIO

O salão funerário a que se faz referência na enumeração dos salões de D. Irma. Este salão está em ruínas. As cortinas — de rendas negras e veludo — pendem,

rasgadas. As coroas estão desfeitas. Clima de desolação. O vestido de D. Irma está em farrapos. O fato do Chefe da Polícia também. O cadáver de Arthur está em cima duma espécie de falso túmulo, dum falso mármore negro. Junto dele, uma nova personagem: o Enviado da Corte. Uniforme de embaixador. Só ele se apresenta em bom estado. Carmen está vestida como no princípio. Grande explosão. Tudo treme.

O ENVIADO, *desenvolto e grave ao mesmo tempo*

Há não sei quantos séculos que os séculos se consomem a refinar-me... a subtilizar-me... *(Sorri.)* Houve algo nesta explosão, na sua potência, onde se confunde o tinir de jóias e de espelhos quebrados, que me leva a pensar que se trata do Palácio Real... *(Olham uns para os outros, aterrados.)* Mas não vale a pena mostrarmo-nos impressionados. Enquanto não estivermos como este... *(Indica o cadáver de Arthur.)*

IRMA

O Arthur nunca acreditou que hoje pudesse representar tão bem o papel de morto.

O ENVIADO, *sorrindo*

O senhor Ministro do Interior teria ficado encantado, se não tivesse sofrido a mesma sorte. Infelizmente, fui eu quem assumiu o dever de o substituir na sua missão, junto da senhora. E confesso que não sinto qualquer prazer nestas formas de volúpia. *(Toca com o pé no cadáver de Arthur.)* Ah... mas o senhor Ministro teria ficado fora de si, se visse um corpo destes...

IRMA

Nada tem a recear, senhor Enviado. Esses senhores o que pretendem é a aparência. O Ministro queria um falso cadáver; mas o Arthur é um morto verdadeiro. Olhe para ele: mais verdadeiro que vivo. Tudo nele se encaminhava no sentido da imobilidade.

O ENVIADO

Era portanto um indivíduo nascido para a grandeza.

O CHEFE DA POLÍCIA

Ele? Um medíocre, um preguiçoso...

O ENVIADO

Tal como nós, também ele se ocupou na procura da imobilidade. Por aquilo a que chamamos o hierático. E, de passagem, deixe-me louvar a imaginação que conseguiu criar um salão funerário numa casa destas.

IRMA, *com orgulho*

E o senhor apenas vê uma parte!

O ENVIADO

Quem teve tal ideia?

IRMA

A sabedoria das Nações, senhor Enviado.

O ENVIADO

Ela faz as coisas como deve ser. Mas voltemos à Rainha, que tenho por missão proteger.

O CHEFE DA POLÍCIA, *sarcástico*

Curiosa protecção, sem dúvida. O Palácio, segundo o que disse há pouco...

O ENVIADO, *sorrindo*

Por enquanto, Sua Majestade está em lugar seguro. Mas o tempo urge. Diz-se que o cardeal foi decapitado. O Arcebispado, invadido. O Palácio da Justiça, o Estado Maior estão em ruínas...

O CHEFE DA POLÍCIA

E a Rainha?

O ENVIADO, *sorrindo*

A Rainha borda. A certa altura ainda pensou em tratar dos feridos. Mas fizeram-lhe ver que o Trono estava ameaçado e que devia levar ao extremo as suas prerrogativas reais.

IRMA

E essas, são?...

O ENVIADO

A ausência. Sua Majestade retirou-se para os seus aposentos, solitária. A desobediência do seu povo entristece-a. Passa o

tempo a bordar um lenço. E o bordado é este: em cada canto uma papoila, e no centro do lenço, bordado em seda azul celeste, ficará um cisne, parado no meio das águas. Mas este ponto inquieta particularmente Sua Majestade: serão as águas dum lago, dum tanque ou dum pântano? Ou muito simplesmente, duma taça? Um grave problema. Escolhemo-lo porque é insolúvel e assim a Rainha pode abstrair-se numa infinita meditação.

IRMA

A Rainha distrai-se?

O ENVIADO

Sua Majestade emprega o seu tempo a ser totalmente o que deve ser: a Rainha. *(Observa o cadáver.)* Também ela, desliza rapidamente para a imobilidade.

IRMA

E borda?

O ENVIADO

Não, minha senhora. Disse que a Rainha estava a bordar um lenço, porque, tal como

é meu dever descrevê-la, é também meu dever dissimulá-la.

IRMA

Quer então dizer que ela não está a bordar?

O ENVIADO

Quero dizer que a Rainha está e não está a bordar. Que mete os dedos no nariz, examina os macacos que tira lá de dentro e volta depois a deitar-se. Em seguida, vai limpar a loiça.

IRMA

A Rainha?

O ENVIADO

A Rainha não trata dos feridos. Borda um lenço invisível...

O CHEFE DA POLÍCIA

Meu Deus! Que fez o senhor à Rainha? Vamos, responda! Não estou a brincar!

O ENVIADO

A Rainha está dentro dum cofre. A dormir. E ressona, enrolada nas pregas da realeza...

O CHEFE DA POLÍCIA, *ameaçador*

A Rainha está morta?

O ENVIADO, *impassível*

A Rainha ressona e não ressona. A sua minúscula cabeça suporta, sem desfalecimentos, uma coroa de metal e pedras preciosas.

O CHEFE DA POLÍCIA, *no mesmo tom ameaçador*

Deixe-se de fitas. O senhor disse que o Palácio estava em perigo... O que é preciso fazer? Ainda tenho comigo praticamente toda a polícia. Os homens que me restam deixar-se-ão matar por mim... Sabem quem eu sou e o que poderei fazer por eles... Também eu tenho o meu papel a desempenhar. Mas se a Rainha está morta, tudo deve ser posto em causa. É na Rainha que eu me apoio, é em seu nome que trabalho

para conquistar um nome. Fale claro: em que ponto está a revolta?

O ENVIADO

Avalie as coisas pelo estado em que se encontra esta casa. E por você próprio... Tudo parece perdido.

IRMA

O senhor pertence à Corte, Excelência. Mas eu, antes de vir para aqui, andei com a tropa e foi na tropa que utilizei as minhas primeiras armas. Posso assegurar-lhe que já me encontrei em situações piores. A populaça — donde saí à custa de muito esforço — a populaça grita debaixo das minhas janelas, multiplicadas pelos bombas. Mas a minha casa sabe aguentar-se. Os meus aposentos não estão intactos, mas conseguem aparar os golpes. As minhas putas, com excepção duma doida, continuam a trabalhar. Se no Palácio existe uma mulher como eu...

O ENVIADO, *imperturbável*

A Rainha está de pé, sobre uma perna só, no meio duma sala vazia e...

O CHEFE DA POLÍCIA

Basta! Estou farto das suas charadas. Para mim, a Rainha deve ser alguém. E a situação concreta. Descreva-a com exactidão. Não tenho tempo a perder.

O ENVIADO

Que quer o senhor salvar?

O CHEFE DA POLÍCIA

A Rainha!

CARMEN

A bandeira!

IRMA

A minha pele!

O ENVIADO, *para o Chefe da Polícia*

Se está tão interessado em salvar a Rainha — e mais ainda, a nossa bandeira com todas as suas franjas de ouro, a águia, os cordões e a haste, porque não mas descreve?

O CHEFE DA POLÍCIA

Até agora, sempre servi exemplarmente o que o senhor referiu, sem me importar em saber mais do que aquilo que via à minha frente. E assim continuarei a fazer. Em que ponto vai a revolta?

O ENVIADO, *resignado*

Por enquanto, as grades do jardim conseguem conter a multidão. Os guardas, como nós, sentem-se dominados por uma dedicação obscura. Deixar-se-ão matar pela sua soberana. Darão o seu sangue que, infelizmente, não bastará para afogar a revolta. Foram empilhados sacos de areia em frente dos portões. Para poder dominar a razão, Sua Majestade anda de sala secreta para sala secreta, do gabinete para o salão do Trono, das latrinas para o galinheiro, da capela para o corpo de guarda... Assim torna-se impossível encontrá-la e ganha uma invisibilidade ameaçada. É isto o que se passa no interior do Palácio.

O CHEFE DA POLÍCIA

E o Generalíssimo?

O ENVIADO

Enlouqueceu. Perdido no meio da multidão, onde ninguém lhe pode fazer mal, a sua loucura é a sua protecção.

O CHEFE DA POLÍCIA

E o Procurador?

O ENVIADO

Morreu de medo.

O CHEFE DA POLÍCIA

E o Bispo?

O ENVIADO

Esse é um caso mais difícil. A Igreja é secreta. Nada se sabe dele. Nada de concreto. Alguém disse que lhe viu a cabeça decepada e presa ao volante duma bicicleta. Mas isso era mentira, evidentemente. Resta-nos uma esperança: você. Mas as suas ordens são recebidas com dificuldade.

O CHEFE DA POLÍCIA

Em baixo, nos corredores e salões, tenho homens dedicados e suficientes para nos proteger a todos. Poderão manter-se em ligação com os meus serviços...

O ENVIADO, *interrompendo-o*

Os seus homens estão fardados?

O CHEFE DA POLÍCIA

Certamente. São a minha escolta. Está a imaginar-me com uma escolta em traje de desporto? Sim, estão fardados. De preto. E com o meu distintivo. Metido dentro do estojo, por enquanto. É gente fixe e também desejosa de vencer.

O ENVIADO

Para salvar o quê? *(Pausa.)* Não responde? Custa-lhe assim tanto encarar as coisas como elas são? Lançar um olhar tranquilo sobre o mundo e aceitar a responsabilidade desse olhar, seja o que for que ele tenha visto?

O CHEFE DA POLÍCIA

Mas, enfim, ao vir ter comigo certamente pensou em qualquer coisa de preciso?! Deve ter um plano. Explique-se.

Nesse momento ouve-se uma grande explosão. Os dois homens, excepto Irma, deitam-se por terra. Erguem-se depois e sacodem o pó um do outro.

O ENVIADO

Talvez tivesse sido no Palácio Real. Viva o Palácio Real!

IRMA

Acha que a explosão... foi no...

O ENVIADO

Um palácio real nunca vai pelos ares. Ele próprio é uma explosão ininterrupta.

Entra Carmen, que lança um pano negro sobre o cadáver de Arthur e põe um pouco de ordem no ambiente.

O CHEFE DA POLÍCIA, *consternado*

Mas a Rainha... A Rainha está no meio dos escombros?...

O ENVIADO, *sorrindo misteriosamente*

Esteja descansado. Sua Majestade está em lugar seguro. E ainda que morta, essa fénix saberia levantar voo das cinzas dum palácio real. Compreendo que esteja impaciente para lhe provar o que vale, para provar a sua dedicação... mas a Rainha saberá esperar o tempo que for preciso. *(Para Irma.)* Tenho de prestar as minhas homenagens ao seu sangue frio, minha senhora. E à sua coragem. São dignos do maior respeito... *(Sonhador.)* Do maior...

IRMA

Esquece-se de que está a falar comigo. É certo que possuo um bordel, mas não nasci do noivado da lua com um crocodilo: vivi no meio do povo... As coisas não me foram fáceis. E o povo...

O ENVIADO, *severo*

Deixe-se disso. Quando a vida se esvai, as mãos agarram-se a um trapo qualquer.

E o que pode significar esse trapo quando a senhora vai penetrar na fixidez providencial?

IRMA

Está a querer dizer que cheguei ao fim?...

O ENVIADO, *examinando-a com pormenor*

Que animal soberbo! Que coxas magníficas! Que ombros maravilhosos! Que cabeça!...

IRMA, *rindo*

Não pense que me põe a cabeça à roda com cantigas dessas. Já não é o primeiro. Mas voltando ao assunto; se os revoltosos não perderem tempo, ainda acabarei por dar uma morta bastante apresentável; e se me deixarem intacta, evidentemente. Mas uma vez que a Rainha morreu...

O ENVIADO, *inclinando-se*

Viva a Rainha, minha senhora.

IRMA, *primeiro confusa, depois irritada*

Não gosto que gozem comigo. E é melhor pôr ponto final a todas essas anedotas, meu caro.

O ENVIADO, *com intensidade*

Estive a descrever-lhe a situação. O povo, entre o furor e a alegria, está à beira do êxtase: cabe-nos a nós dar-lhe o empurrão definitivo.

IRMA

Em vez de estar para aí a dizer parvoíces, melhor seria que fosse vasculhar os escombros do Palácio e retirar a Rainha. Mesmo um bocado queimada...

O ENVIADO, *severo*

Não. Uma rainha assada ou feita em papas, não é apresentável. Aliás, mesmo quando viva, era muito menos bela do que a senhora.

IRMA, *vendo-se ao espelho, condescendendo*

Vinha de mais longe... Era mais velha... E devia ter tanto medo como eu...

O CHEFE DA POLÍCIA

Por causa dela, para se ser digno de um olhar seu sofremos muita coisa. Mas pensar que se pode ser Ela!...

Carmen detém-se a ouvir.

IRMA, *estupidamente intimidada*

Não consigo falar. Sinto a língua presa.

O ENVIADO

Tudo se deve passar em segredo. A etiqueta não permite que se dê à língua.

O CHEFE DA POLÍCIA

Vou fazer com que desentulhem o Palácio. Se, como você diz, a Rainha estiver fechada nalgum cofre, talvez se possa libertá-la...

O ENVIADO, *encolhendo os ombros*

Sim, um cofre em madeira de rosas, mas tão velho e tão usado... *(Para Irma, passando-lhe a mão pela nuca.)* É verdade. É preciso ter vértebras sólidas, sempre são alguns quilos em cima da cabeça...

O CHEFE DA POLÍCIA

Para aguentar o cutelo, claro. Não lhe dês ouvidos, Irma. *(Para o Enviado.)* E eu, o que é que vai ser de mim? Sou o homem forte do país, é verdade, mas porque me apoiei na coroa. Consegui impor-me à maioria, porque tive a feliz ideia de servir a Rainha... mesmo com algumas pulhicezitas disfarçadas... Disfarçadas, está a ouvir?... Não, não é Irma...

IRMA, *para o Enviado*

Sou uma mulher bem fraca e bem frágil, no fim de contas, senhor Enviado. Toda a fanfarronice de há pouco...

O ENVIADO, *com autoridade*

À volta desta amêndoa delicada e preciosa, iremos forjar um núcleo de ferro

e ouro. Mas é preciso decidir-se depressa.

O CHEFE DA POLÍCIA, *furioso*

Antes de mim? Quer dizer que Irma me vai passar à frente? Todo o trabalho que tive para dominar a situação de nada serviria! Ao passo que a ela, protegida no meio dos seus salões, lhe bastará um simples gesto de cabeça... Não. Uma vez que tenho o poder nas mãos, quero ser eu a impor a Irma...

O ENVIADO

Impossível. É dela que o senhor vai receber a sua autoridade. Irma será imposta por direito divino. Não se esqueça de que ainda não está representado nestes salões.

IRMA

Deixe-me pensar um pouco mais...

O ENVIADO

Uns segundos apenas; o tempo urge.

Ainda se nós soubéssemos o que pensaria disto a rainha defunta. Assim, não é fácil decidir. Assumir uma herança...

O ENVIADO, *num tom de desprezo*

Não esteja com subterfúgios. Se o senhor diz que não existe nenhuma autoridade superior à sua, porque hesita? Mas deixemos falar madame Irma...

IRMA, *num tom pretencioso*

Nos arquivos da nossa família, que se perde no tempo, fazia-se questão de...

O ENVIADO, *severo*

Balelas, madame Irma. Nas nossas caves há genealogistas a trabalhar dia e noite. A função deles é submeter a História. Disse há pouco que não temos um minuto a perder para vencer o povo, mas atenção! O povo adora-vos, mas no seu orgulho patético também é capaz de vos sacrificar. Quando pensa em vós sonha com o vermelho, o da púrpura, ou o do sangue. Que pode ser o vosso. E quando mata os seus ídolos e os atira para

a valeta, pode arrastar-vos também com eles...

Ouve-se de novo a mesma explosão. O Enviado sorri.

O CHEFE DA POLÍCIA

É um risco enorme.

CARMEN, *intervindo. Para Irma*

Os adereços estão prontos.

IRMA, *para o Enviado*

Tem a certeza do que está a dizer? Está ao corrente do que se passa? Tem espiões?

O ENVIADO

Os meus espiões informam-me com tanta fidelidade como as frestas dos seus aposentos. *(Sorrindo.)* E devo dizer que os consultamos com a mesma comoção deliciosa. Mas é preciso agir depressa. Estamos numa verdadeira corrida contra-relógio. Eles e nós. É preciso pensar com velocidade, madame Irma.

IRMA, *com a cabeça entre as mãos*

Estou a pensar com velocidade, senhor Enviado. Aproximo-me o mais depressa que posso do meu destino... *(Para Carmen.)* Vai ver o que eles estão a fazer.

CARMEN

Tenho-os fechados à chave.

O ENVIADO, *para Carmen*

E que iremos fazer de si?

CARMEN

Estou aqui para toda a eternidade, senhor.

Sai.

O ENVIADO

Outra coisa, e esta mais delicada. Falei duma imagem que há já alguns dias anda no céu da revolta...

IRMA

A revolta tem também um céu?

O ENVIADO

Não a inveje, senhora. A imagem de Chantal circula pelas ruas. É uma imagem que se assemelha e não se assemelha a ela. Uma imagem que domina os combates. A princípio lutava-se contra os tiranos ilustres e ilusórios, depois pela Liberdade; amanhã, deixar-se-ão matar por Chantal.

IRMA

A ingrata! Ela que era uma Diana de Poitiers tão requisitada!

O CHEFE DA POLÍCIA

Chantal não conseguirá aguentar a situação. É como eu, não tem pai nem mãe. E se acabar por se transformar em imagem, poderemos servir-nos dela. *(Pausa.)*... Uma máscara...

O ENVIADO

Tudo o que de belo existe no mundo deve-se às máscaras.

Nisto ouve-se uma campainha. Irma tenta acorrer, mas domina-se. Para o Chefe da Polícia.

IRMA

É a Carmen. Que diz ela? Que estão eles a fazer?

O CHEFE DA POLÍCIA, *transmitindo*

Contemplam-se nos espelhos, enquanto esperam o momento de voltar para casa.

IRMA

Mandem partir ou tapar os espelhos.

Pausa. Ouve-se uma rajada de metralhadora.

Já tomei a minha decisão. Acho que fui chamada para toda a eternidade e que Deus está comigo. Preciso de me preparar pela oração...

O ENVIADO, *grave*

A senhora tem lavabos?

IRMA

São tão célebres como os meus salões. *(De súbito, inquieta.)* Mas deve estar tudo num estado lamentável! As bombas, o estuque, a poeira. Previna a Carmen. Ela que mande escovar as fardas. *(Para o Chefe da Polícia.)* Georges... este minuto é o último que passamos juntos! Depois, nunca mais seremos nós...

Discretamente, o Enviado afasta-se e aproxima-se da janela.

O CHEFE DA POLÍCIA, *com ternura*

Mas eu amo-te, Irma.

O ENVIADO, *voltando-se, e num tom muito desprendido*

Pensem nessa montanha que fica a norte da cidade. Os operários estavam a trabalhar quando a revolta rebentou... *(Pausa.)* Estou a falar dum projecto de túmulo...

O CHEFE DA POLÍCIA, *entusiasmado*

O plano!

O ENVIADO

Mais tarde. Uma montanha de mármore vermelho onde serão cavados salões e nichos e, no meio, uma minúscula guarita de diamantes.

O CHEFE DA POLÍCIA

Que eu defenderei de pé ou sentado, durante a minha morte?

O ENVIADO

Aquele que para lá for, lá permanecerá, morto, por toda a eternidade. O mundo ordenar-se-á à sua volta. Os planetas e os sóis girarão em torno dele. Dum ponto secreto da terceira câmara partirá um caminho que, depois de muitas dificuldades, irá dar a uma outra câmara onde haverá espelhos que reflectem até ao infinito... digo bem, ao infinito...

O CHEFE DA POLÍCIA, *como quem diz «de acordo»*

A caminho!

A imagem dum morto.

IRMA, *apertando contra si o Chefe da Polícia*

E assim, poderei ser verdadeira? O meu vestido será verdadeiro? As minhas rendas, as minhas jóias serão verdadeiras? O resto do mundo...

Rajada de metralhadora.

O ENVIADO, *depois de ter lançado um último olhar através das cortinas*

Sim, mas não percamos tempo. Retirai-vos para os vossos aposentos. Bordai um lenço interminável... *(Para o Chefe da Polícia.)* E o senhor pode dar as suas últimas ordens aos seus últimos homens.

Dirige-se para um espelho. Tira do bolso uma colecção de condecorações e coloca-as no seu próprio peito.

Num tom canalha.

E vamos a despachar. Estou farto de ouvir as vossas baboseiras.

OITAVO QUADRO

CENÁRIO

É uma verdadeira varanda, que sobressai da fachada duma casa fechada. Persianas corridas. De repente, as persianas abrem-se. O rebordo da varanda encontra-se junto à ribalta. Através dos vidros, pode ver-se o Bispo, o General, o Juiz, que estão a arranjar-se. Por fim, abre-se a janela de dois batentes. Os personagens vêm para a varanda, primeiro o Bispo, depois o General, depois o Juiz. Finalmente, o Herói. Em seguida a Rainha: madame Irma, com diadema na cabeça e manto de arminho. Todos os personagens se aproximam e instalam-se com uma grande timidez. Mantêm-se silenciosos e limitam-se a mostrar-se. Têm todos proporções desmedidas, gigantescas — excepto o Herói, ou seja, o Chefe da Polícia — e trazem os trajos de cerimónia, mas rasgados e cobertos de pó. Surge então junto deles, mas fora da varanda, o Mendigo.

O MENDIGO, *gritando numa voz doce*

Viva a Rainha!

Afasta-se timidamente, como tinha chegado. Por fim, um vento forte faz levantar as cortinas: aparece Chantal. O Enviado apresenta-a, em silêncio, à Rainha. A Rainha faz-lhe uma vénia. Ouve-se um tiro. Chantal cai. O General e a Rainha levam-na para dentro, morta.

NONO QUADRO

CENÁRIO

A cena representa o quarto de Irma, em desordem total. Ao fundo, um grande espelho de duas faces, que forma a parede. À direita, uma porta; uma outra, à esquerda. Três aparelhos fotográficos com tripé. Junto de cada aparelho está um fotógrafo. São três rapazes de ar decidido, blusões negros e «blue-jeans» apertados. Seguidamente, e de acordo com as exigências do papel, aparecem, com ar tímido, da direita, o Bispo, da esquerda, o Juiz e o General. Quando se descobrem uns aos outros, fazem profundas

reverências. O General saúda militarmente o Bispo e este abençoa o General.

O JUIZ, *com um suspiro de alívio*

Escapámos de boa!

O GENERAL

Ah, mas ainda não acabou! É toda uma vida que é preciso inventar... Difícil...

O BISPO, *irónico*

... ou não, teremos de a viver. Nenhum de nós poderá já recuar. Antes de subirmos para a carruagem...

O GENERAL

A lentidão da carruagem!

O BISPO

... de subirmos para a carruagem, teria ainda sido possível evadir-nos. Mas agora...

O JUIZ

Acham que fomos reconhecidos? Eu estava no meio, encoberto entre os vossos per-

fis. À minha frente encontrava-se Irma... *(Admira-se com o nome pronunciado.)* Irma? A Rainha... A Rainha ocultava o meu rosto... E vocês?

O BISPO

Não houve perigo. Sabem quem eu vi... à direita... *(Não consegue disfarçar o riso.)* Com a enorme papada vermelha, apesar da cidade se encontrar em ruínas *(Sorriso dos outros dois comparsas)*, com duas covas na cara e os dentes podres? E que se atirou à minha mão... E eu, julgando que ele me ia morder, encolhi os dedos... quando afinal o que ele queria era beijar-me o anel? Sabem quem era? O meu fornecedor de óleo de amendoim!

O Juiz ri.

O GENERAL, *sombrio*

A lentidão da carruagem! As rodas da carruagem, pisando as mãos e os pés do povo! A poeira!

O JUIZ, *com inquietação*

Eu viajava em frente da Rainha. Pelo vidro do fundo, uma mulher...

O BISPO, *interrompendo-o*

Também a vi, pela portinhola da esquerda, queria atirar-nos beijos!

O GENERAL, *cada vez mais sombrio*

A lentidão da carruagem! Avançávamos tão lentamente por entre a multidão suada! Os gritos pareciam ameaças, mas não passavam de vivas. Qualquer homem podia ter quebrado os jarretes aos cavalos, disparado um tiro, desatrelado a carruagem, pegado em nós e ligar-nos aos varais ou aos cavalos, esquartejar-nos ou transformar-nos em bestas de tiro: mas nada. Algumas flores lançadas pela janela e um povo que se curva perante uma Rainha, hirta sob a coroa dourada... *(Pausa.)* E os cavalos que avançavam a passo... E o Enviado de pé, no estribo da carruagem!

Pausa.

O BISPO

Ninguém era capaz de nos reconhecer, no meio destes ouropéis. O povo estava cego com o brilho do cortejo...

O JUIZ

Pouco faltou para...

O BISPO, *continuando irónico*

Toda aquela gente aguardava o cortejo, esgotada pelos combates, sufocada pela poeira. Mas só tinham olhos para o cortejo. Agora já não podemos voltar atrás. Fomos escolhidos...

O GENERAL

Por quem?

O BISPO, *repentinamente enfático*

Pela Glória em pessoa.

O GENERAL

O quê? Esta palhaçada?

O BISPO

Cabe-nos a nós alterar-lhe o sentido. Em primeiro lugar, devemos empregar palavras que enalteçam. Vamos, actuemos depressa, e com precisão. Não são permitidas falhas.

(Com autoridade.) No que me diz respeito, chefe simbólico da Igreja deste país, quero passar a ser o seu chefe efectivo. Em lugar de abençoar, abençoar, abençoar até ficar farto, vou passar a assinar decretos e a nomear os padres. Vou organizar o clero, construir uma catedral. Está tudo aqui. *(Mostra um dossier que traz debaixo do braço.)* Tenho montes de planos e projectos. *(Para o Juiz.)* E você?

O JUIZ, *olhando para o relógio de pulso*

Eu tenho uma entrevista com alguns magistrados. Estamos a preparar novas leis e uma revisão do Código. *(Para o General.)* E você?

O GENERAL

Eu sinto-me confuso. As vossas ideias atravessam o meu pobre cérebro como o fumo atravessa uma barraca de madeira. A Arte da Guerra não deixa de não ter o seu brilho. Os Estados-Maiores...

O BISPO, *interrompendo*

Como tudo o resto. A sorte das armas pode ser lida nas suas estrelas. Decifre as estrelas, homem!

O GENERAL

É fácil de dizer. Mas quando o Herói regressar bem assente no traseiro como quem monta a cavalo... Pobre tipo, ainda não é desta vez que se safa!

O BISPO

É verdade. Mas não deitemos foguetes antes da festa. A sua imagem não conhece ainda a consagração do bordel, mas pode muito bem vir a conhecer. E nessa altura estaremos perdidos. A não ser que você faça o esforço necessário para se apoderar do poder.

É interrompido. Um dos fotógrafos faz um ruído com a garganta como se fosse escarrar, um outro faz estalar os dedos como uma bailarina espanhola.

O BISPO, *severo*

Não nos esquecemos de vocês, estejam descansados. Vão precisar de fazer as coisas depressa e, se possível, em silêncio. Queremos que nos apanhem de perfil: uma vez a sorrir, outra com um ar solene.

O 1.º FOTÓGRAFO

Não precisamos de lições. *(Para o Bispo.)* Vá, ponha-se na posição de quem reza! Vamos inundar o mundo com a imagem dum homem piedoso.

O BISPO, *sem se mexer*

Numa meditação ardente.

O 1.º FOTÓGRAFO

Ardente? Então prepare-se para esse ardor.

O BISPO, *pouco à vontade*

Mas... como?

O 1.º FOTÓGRAFO, *divertido*

Não sabe como deve ficar para a oração? Vamos, virado para Deus e para a objectiva. Mãos juntas. Cabeça erguida. Olhos postos no chão. É a pose clássica. Regresso à ordem, regresso ao classicismo.

O BISPO, *ajoelhando-se*

Assim?

O 1.º FOTÓGRAFO, *observando-o com atenção*

Sim... *(Olhando através da máquina fotográfica.)* Não, assim está fora de campo... *(O Bispo, de joelhos, avança até ficar em campo.)* Agora, sim.

O 2.º FOTÓGRAFO, *para o Juiz*

Por favor, vinque mais a cara. Tem pouco ar de juiz. Vá, um rosto mais alongado...

O JUIZ

Cavalar? Soturno?

O 2.º FOTÓGRAFO

Cavalar e soturno, senhor Procurador. E as duas mãos à frente, em cima do processo... O que eu pretendo é apanhar o Juiz. O bom fotógrafo é aquele que propõe a imagem de-fi-ni-ti-va. Muito bem.

O 1.º FOTÓGRAFO, *para o Bispo*

Vire-se... um pouco...

Vira-lhe a cabeça.

O BISPO, *irado*

Cuidado! Não desaparafuse o pescoço a um eclesiástico!

O 1.º FOTÓGRAFO

É melhor rezar a três quartos, Eminência.

O 2.º FOTÓGRAFO, *para o Juiz*

Senhor Procurador, se for possível, um pouco mais de severidade... Lábio descaído... *(Gritando.)* Oh! Perfeito! Não se mexa, agora!

Corre para trás do aparelho, há um clarão de magnésio: é o 1.º fotógrafo que acaba de disparar. O 2.º põe a cabeça dentro do pano preto do aparelho.

O GENERAL, *para o 3.º fotógrafo*

A pose mais perfeita é a de Turenne...

O 3.º FOTÓGRAFO, *fazendo uma pose*

Com a espada?

O GENERAL

Não, não. Assim é a de Bayard. Não, braço estendido e o bastão de marechal...

O 3.º FOTÓGRAFO

Ah, está a pensar em Wellington!

O GENERAL

Infelizmente não tenho bastão...

Entretanto, o 1.º Fotógrafo voltou para junto do Bispo, que continua imóvel, e examina-o em silêncio.

O 3.º FOTÓGRAFO, *para o General*

Arranja-se tudo. Agarre nisto e ponha-se em pose.

Enrola uma folha de papel em forma de bastão de marechal e estende-a ao General, que se põe em pose. Depois corre para a máquina fotográfica; clarão do magnésio: é o 2.º fotógrafo que acaba de disparar.

O BISPO, *para o 1.º Fotógrafo*

Oxalá a prova tenha ficado boa. Agora, é preciso inundar o mundo com a minha imagem a receber a Sagrada Eucaristia. Infelizmente, não temos à mão nenhuma hóstia...

O 1.º FOTÓGRAFO

Tenha confiança em nós, Eminência. Há sempre recursos dentro da corporação. *(Chamando.)* Senhor Procurador? *(O Juiz aproxima-se.)* Dê-nos um jeitinho. Empreste-me a sua mão por um segundo. *(Agarra a mão à força e coloca-o em posição.)* Só pode aparecer a mão... Isso... arregace um pouco a manga... vai segurar acima da língua de Monsenhor. *(Procura no bolso. Para o Bispo.)* Deite a língua de fora. Mais. Está bem. *(Continua a procurar nos bolsos. Um clarão de magnésio: é o General que acaba de ser fotografado e que se levanta.)* Merda! Não encontro nada! *(Olha à sua volta. Para o Bispo.)* Não se mexa, assim está muito bem. Dá licença?

Sem esperar resposta retira do olho do General o monóculo e volta para o grupo formado pelo Bispo e pelo Juiz. Obriga o Juiz a segurar o monóculo por cima da língua do Bispo, à maneira de hóstia, e corre para a máquina. Disparo do magnésio.

A Rainha, que tinha entrado com o Enviado, fica a observar a cena.

O ENVIADO, *sempre num tom canalha e com ar de quem aprendeu tudo à nascença*

É uma imagem verdadeira, nascida dum espectáculo falso.

O 1.º FOTÓGRAFO, *trocista*

É o costume, Majestade. Quando os revoltosos foram feitos prisioneiros, pagámos a um polícia para liquidar à nossa frente um homem que me ia comprar um maço de cigarros. A fotografia representava um rebelde apanhado em fuga.

A RAINHA

Isso é monstruoso!

O ENVIADO

O que conta é a leitura ou a Imagem. A História foi vivida para que se pudesse escrever uma página gloriosa, que depois é lida. *(Para os fotógrafos.)* A Rainha pede-me

para vos felicitar, meus senhores, e roga-vos que se ponham a postos.

Os três fotógrafos vão colocar-se debaixo dos panos negros das máquinas.
Pausa.

A RAINHA, *em tom baixo, como se falasse para si*

Ele não está aqui?

O ENVIADO, *para as Três Figuras*

A Rainha gostaria de saber o que é que os senhores fazem, ou o que contam fazer.

O BISPO

Recuperamos o maior número de mortos possível. Tencionamos embalsamá-los para os colocar no nosso céu. Vossa Grandeza pretende que tendes desencadeado uma hecatombe entre os rebeldes. Ficaremos apenas com alguns mártires que tombaram nas nossas fileiras e a quem prestaremos honras que a nós próprios nos honram.

A RAINHA, *para o Enviado*

Tudo isso é feito em minha honra?

O ENVIADO, *sorrindo*

Os massacres são ainda uma festa onde o povo sente o maior prazer em odiar-nos. Falo do «nosso» povo, é claro. Ele pode finalmente erguer-nos uma estátua no seu coração, para depois a deitar abaixo. Assim o espero, pelo menos.

A RAINHA

A indulgência e a bondade não podem fazer nada?

O ENVIADO, *irónico*

Um salão S. Vicente de Paulo?

A RAINHA, *irritada*

E V. Ex.ª, senhor Juiz? Eu tinha ordenado menos condenações à morte e mais trabalhos forçados. As galerias subterrâneas já devem estar concluídas. *(Para o Enviado.)* Foi essa palavra galeriano que há pouco pronunciou que me levou a pensar nas galerias do mausoléu. Já estão acabados?

Completamente. Foram já abertas ao público, que as visita aos domingos. Algumas das abóbadas estão totalmente decoradas com esqueletos de condenados que morreram no aterro.

A RAINHA, *para o Bispo*

E a Igreja? Quem não tiver trabalhado pelo menos uma semana nessa extraordinária capela vive em pecado mortal, não é verdade Eminência? *(O Bispo inclina-se. Para o General.)* Quanto a vós, conheço a vossa severidade. Os seus soldados vigiam os operários e bem merecem o excelente nome de construtores. *(Sorrindo docemente, com falsa fadiga.)* Todos vós sabeis, meus caros senhores, que pretendo oferecer esse túmulo ao Herói. Conheceis a sua tristeza e quanto ele pode sofrer por não estar ainda representado.

O GENERAL, *ganhando coragem*

É preciso sofrer para se alcançar a glória. Os lugares há muito que estão reservados. Cada nicho tem já a sua estátua. *(Com enfatuação.)* Nós, pelo menos...

É sempre assim quando se pretende partir de muito baixo. Sobretudo, quando se nega ou negligencia os dados tradicionais. Em suma, a sua conduta.

A RAINHA, *subitamente exaltada*

Mas foi ele quem salvou tudo. É a ele que devem o poderem continuar com as vossas cerimónias.

O BISPO, *arrogante*

Para sermos francos, senhora, já nem pensamos nisso. A mim, as saias embaraçam-me e sinto as mãos presas por todas estas rendas. Vai ser preciso agir.

A RAINHA, *indignada*

Agir? Vocês? Quer dizer que vão desapossar-nos do nosso poder?

O JUIZ

Temos de exercer as nossas funções, não?

A RAINHA

Funções! Dizei antes que pensais em abatê-lo, em diminuí-lo, em ocupar o lugar dele! Funções! Funções!

O BISPO

No tempo — no tempo ou no lugar! — existirão talvez altos dignitários a quem pesa a dignidade absoluta e que estão cobertos com verdadeiras vestes...

A RAINHA, *fora de si*

Verdadeiras! E essas, o que são? Essas que vos envolvem e vos enfaixam — toda a minha ortopedia! — essas que saem dos meus armários, não são verdadeiras? Não são verdadeiras? Não são verdadeiras?

O BISPO, *mostrando o arminho do Juiz, a seda da sua saia, etc.*

Pele de coelho, cetineta, renda feita à máquina... julga que estaremos dispostos a usar este simulacro o resto da vida?

A RAINHA, *ainda fora de si*

Mas esta manhã...

Interrompe-se. Lenta e humildemente, entra o Chefe da Polícia.

Não confies neles, Georges!

O CHEFE DA POLÍCIA, *procurando sorrir*

Bem... acho... acho que a vitória é nossa... acho que temos a vitória nas mãos... Posso sentar-me?

Senta-se. Em seguida, põe-se a olhar os outros interrogativamente.

O ENVIADO, *irónico*

Não, ainda não chegou ninguém. Ainda ninguém sentiu necessidade de se anular na vossa fascinante imagem.

O CHEFE DA POLÍCIA

Os projectos que me submeteu tiveram portanto pouca eficácia?! *(Para a Rainha.)* Nada? Ninguém?

A RAINHA, *num tom doce, como se consolasse um miúdo*

Ninguém. E no entanto, os homens já deviam ter chegado. As persianas estão fechadas. Mas o dispositivo está a postos e seremos prevenidos com um toque de sinos.

O ENVIADO, *para o Chefe da Polícia*

O projecto que lhe apresentei esta manhã não lhe agradou. Contudo, é essa a imagem de si próprio que o persegue e deve perseguir os homens.

O CHEFE DA POLÍCIA

Ineficaz.

O ENVIADO, *mostrando um negativo de fotografia*

A capa vermelha do carrasco e o respectivo cutelo. Mas achava melhor que fosse em vermelho de amaranto e um cutelo de aço.

A RAINHA, *irritada*

Salão 14, o Salão das Execuções capitais. Já está representado.

O JUIZ, *amável, para o Chefe da Polícia*

Receiam-no, sabe.

O CHEFE DA POLÍCIA

Tenho medo de que receiem de que invejem um homem, mas... *(Procurando as palavras.)* mas não uma ruga do rosto, por exemplo, ou uma mecha de cabelos... ou um charuto... ou um pingalim. Quanto ao último projecto de imagem que me propuseram... até sinto vergonha de falar dele.

O JUIZ

Era... muito audacioso?

Muito. Demasiado audacioso. Nem me atrevo a dizê-lo. *(Mas de súbito, decide-se.)* Mas meus senhores, tenho toda a confiança no vosso julgamento e na vossa dedicação. Além disso, também quero conduzir o combate através das ideias ousadas. Aqui têm: aconselharam-me a aparecer sob a forma dum falo gigante, dum enorme bacamarte.

Consternação da Rainha e das Três Figuras.

A RAINHA

Georges! Tu?

O CHEFE DA POLÍCIA

E já que tenho de simbolizar a nação, a tua casa de putas...

O ENVIADO, *para a Rainha*

Não faça caso, minha senhora. É o tom da época.

O JUIZ

Um falo? E de que tamanho? O senhor quer dizer: enorme?

O CHEFE DA POLÍCIA

Do meu tamanho.

O JUIZ

Mas isso é difícil de conseguir.

O ENVIADO

Nem por isso. As novas técnicas, a nossa indústria da borracha permitem-nos obter belos resultados. Não, não é isso que me preocupa, é antes... *(Virando-se para o Bispo.)* ... o que pode pensar a Igreja!

O BISPO, *depois de reflectir e encolhendo os ombros*

Nada de definitivo poderá ser pronunciado esta noite. É certo que a ideia me parece audaciosa *(Para o Chefe da Polícia)*, mas se o vosso caso é desesperado, deveremos examinar bem a questão. Sim... realmente seria uma figuração terrível e se tiver que ficar assim, sob essa forma, para a posteridade...

O CHEFE DA POLÍCIA, *calmamente*

Querem ver a *maquette?*

O JUIZ, *para o Chefe da Polícia*

Faz mal em impacientar-se. Nós esperámos dois mil anos para conseguirmos definir completamente a nossa personagem. Tenha confiança, meu amigo, espere...

O GENERAL, *interrompendo-o*

A glória obtém-se nas batalhas. E o senhor não suportou ainda Austerlitz que bastem. Vá combater, ou então sente-se à espera dos dois mil anos regulamentares.

Toda a gente ri.

A RAINHA, *com violência*

Estão-se todos nas tintas para o desgraçado. Mas lembrem-se que fui eu quem vos designou! Fui eu quem os descobriu no meu bordel e os introduziu no caminho da glória. E vocês aceitaram servir-me.

Pausa.

O BISPO, *decidido*

É aí precisamente que reside a questão. A senhora vai servir-se do que nós representamos, ou vamos nós... *(Aponta as outras duas Figuras.)* ... obrigá-la a servir o que nós representamos?

A RAINHA, *subitamente colérica*

Vocês, uns fantoches que sem a pele de coelho, como há pouco disseram, não se-

riam nada! O senhor, um homem a quem obrigaram a dançar nu — quero eu dizer, esfolado! nas praças públicas de Toledo e Sevilha! e que dançou, sim, dançou, ao som de castanholas! Diga quais são as suas condições, monsenhor?

O BISPO

Nesse dia era preciso dançar. Quanto à pele de coelho, se é aquilo que deve ser: a imagem sagrada do arminho, então tem também o seu poder indiscutível.

O CHEFE DA POLÍCIA

Neste momento, tem.

O BISPO, *excitado*

Justamente. Enquanto estávamos num quarto de bordel, pertencíamos à nossa própria fantasia: mas quando a expusémos, quando a nomeámos, quando a tornámos pública, acabámos por ficar unidos aos homens, a vós, e obrigados a continuar esta aventura segundo as leis da visibilidade.

O CHEFE DA POLÍCIA

Nenhum de vós tem qualquer poder. Sou eu só quem...

O BISPO

Então será melhor voltarmos aos nossos quartos e prosseguir na busca da dignidade absoluta. Sentiamo-nos lá bem e foi o senhor quem chegou para nos tirar de lá. Sim, sentiamo-nos bem. Numa situação do maior repouso: na paz, na doçura, ocultos pelas persianas, pelos reposteiros forrados, protegidos por mulheres afáveis, por uma polícia que protege as casas de putas, podíamos ser juiz, general e bispo, até à perfeição, até ao prazer! Dessa situação maravilhosa, e feliz, veio o senhor arrancar-nos, brutalmente.

O GENERAL, *interrompendo o Bispo*

Ah! as minhas calças! Quando enfiava as minhas calças, que felicidade! Agora durmo com as minhas calças de general, como com elas, danço com elas — quando danço! — vivo dentro das minhas calças de general. Sou general como se é bispo!

O JUIZ

E eu não sou mais que uma dignidade representada por uma toga.

O GENERAL, *para o Bispo*

Não tenho um minuto para me arranjar! — dantes tinha um mês à minha frente! — para me preparar para enfiar as calças e as botas de general. Agora tenho-as agarradas aos pés, por toda a eternidade. Deixei de sonhar, garanto-vos!

O BISPO, *para o Chefe da Polícia*

Vê? Aquele deixou de sonhar. A pureza ornamental, a nossa luxuosa e estéril — e sublime — aparência está arruinada. Nunca mais voltaremos a tê-la: paciência. Mas esta doçura amarga da responsabilidade, este gosto ficou-nos e achamo-lo agradável. Os nossos quartos deixaram de ser secretos. Há pouco falou-se de dançar. Evocava-se essa tarde famosa em que despojado — ou esfolado, empregai a palavra que mais vos diverte — dos paramentos sacerdotais, fui obrigado a dançar nu nas praças espanholas. Sim, de facto dancei sob uma chuva de risos, mas pelo menos, dancei.

Agora, se acaso me apetecer, terei de fazê-lo às escondidas, na *Varanda,* onde deve haver um quarto preparado para prelados que se julgam bailarinas algumas horas por semana. Não, não... Iremos viver à luz do dia, mas com tudo o que isso implica. Magistrado, soldado, prelado, iremos actuar para que se reduzam sem cessar as nossas vestes! Faremos com que elas sirvam! Mas para que elas sirvam e nos sirvam — e já que escolhemos defender a vossa ordem, é preciso que seja o senhor o primeiro a reconhecê-las e a prestar-lhes homenagem.

O CHEFE DA POLÍCIA, *calmo*

Não quero ser o milésimo reflexo de um espelho que se repete, quero ser o Único, no qual cem mil se querem confundir. Sem mim, vocês estavam tramados. Tramadíssimos, meus caros. *(A pouco e pouco, vai readquirindo autoridade.)*

A RAINHA, *para o Bispo, insinuante*

Eminência, veste agora esse trajo, porque não conseguiu fugir a tempo dos meus salões. Tal era o fascínio que sentia perante um dos seus cem mil reflexos! Mas a clientela recomeça a entrar... Ainda não

há bicha, mas Carmen já registou algumas presenças... *(Para o Chefe da Polícia.)* Não te deixes intimidar. Antes da revolta eram uma multidão... *(Para o Bispo.)* Se não tivesse tido a triste ideia de mandar assassinar Chantal...

O BISPO, *falsamente assustado*

Foi uma bala desgarrada!

A RAINHA

Desgarrada ou não o que é certo é que Chantal foi assassinada na Varanda, na MINHA Varanda! E quando vinha aqui para me ver, para visitar a sua patroa...

O BISPO

Tive a presença de espírito bastante para fazer dela uma das nossas santas.

O CHEFE DA POLÍCIA

Uma atitude tradicional e reflexo de homem da Igreja. Não vejo grande mérito no seu acto. A imagem de Chantal, pregada na nossa bandeira, deixa de ter qualquer poder. Mais ainda... chegam-me informa-

ções de toda a parte que Chantal, por ter podido prestar-se a qualquer equívoco, teria sido condenada por aqueles que devia salvar...

A RAINHA, *inquieta*

Nesse caso, tudo recomeça!

A partir deste instante, a Rainha e o Chefe da Polícia darão mostras de grande agitação. A Rainha irá puxar as cortinas duma janela, depois de ter procurado olhar para a rua.

O ENVIADO

Tudo.

O GENERAL

Será preciso... subir outra vez para a carruagem? Ai, a lentidão da carruagem!

O BISPO

Se mandei liquidar Chantal, se depois a canonizei, se ordenei que pusessem a sua imagem na nossa bandeira...

A RAINHA

A minha imagem é que devia figurar na bandeira...

O ENVIADO

Vossa Majestade está já nos selos de correio, nas notas de banco, nos carimbos dos comissariados.

O GENERAL

A lentidão da carruagem...

A RAINHA

Nunca mais serei quem sou, não é assim?

O ENVIADO

Nunca mais.

A RAINHA

Cada acontecimento da minha vida: o meu sangue que perla sempre que me coço...

O ENVIADO

Tudo o que dirija a vós será escrito com maiúsculas.

A RAINHA

É a Morte?

O ENVIADO

Sim, é a Morte.

O CHEFE DA POLÍCIA, *subitamente autoritário*

Para vocês todos é a Morte, por isso confio em vocês. Pelo menos, enquanto não estiver representado. Porque depois ficarei a descansar para sempre. *(Inspirado.)* Além disso, à menor fraqueza dos meus músculos, saberei que a minha imagem se desprende de mim para ir possuir os homens. Então, estará próximo o meu fim visível. Mas agora, se for preciso agir... *(Para o Bispo)* quem assumirá as verdadeiras responsabilidades? Você? *(Encolhe os ombros.)* Sejam lógicos, meus senhores: se são o que são, juiz, general e bispo, é porque desejam sê-lo e desejam também que os outros o

saibam. Fizeram portanto o que para tal era preciso e como tal chegasse aos olhos de todos. Não é assim?

O GENERAL

Quase.

O CHEFE DA POLÍCIA

Muito bem. Quer com isso dizer que nunca cometeu um acto pelo próprio acto, mas sempre para que esse acto, ligado aos outros, pudesse fabricar um bispo, um juiz, um general...

O BISPO

Isso é verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Cada acto contém em si um fermento de novidade.

O JUIZ

E assim adquirimos uma dignidade mais grave.

O CHEFE DA POLÍCIA

Sem dúvida, senhor doutor Juiz, mas essa dignidade, que passa a ser tão desumana como é desumano um cristal, torna-o impróprio para o governo dos homens. Acima dos senhores, mais sublime que os senhores, existe a Rainha. Por enquanto, é dela que os senhores obtêm todo o vosso poder e todo o vosso direito. Acima da Rainha, e do que a ela se refere, existe o nosso estandarte, onde mandei colocar a imagem de Chantal vitoriosa, a nossa santa.

O BISPO, *agressivo*

Acima de Sua Majestade — que nós veneramos — e da sua bandeira, está Deus, que fala pela minha voz.

O CHEFE DA POLÍCIA, *irritado*

E acima de Deus?

Pausa.

Pois, meus senhores, acima de Deus, estais vós. Sem vós, Deus não seria nada. E acima de Vós, estou Eu, sem mim...

O JUIZ

E o povo? Os fotógrafos?

O CHEFE DA POLÍCIA, *tornando-se sarcástico*

De joelhos diante do povo quem está de joelhos diante de Deus... *(Gargalhada geral.)* Por isso eu quero que os senhores me sirvam. Como falavam bem, ainda há pouco! Sou obrigado a prestar homenagem à vossa eloquência, à vossa facilidade de elocução, à limpidez do vosso timbre, à potência do vosso órgão. Eu não passava de um homem de acção, empedernido pelas minhas palavras e pelas minhas ideias quando não são imediamente aplicadas. Pergunto a mim próprio se algum dia tornarei a enviar-vos para os vossos nichos. Não, não farei tal coisa. De qualquer modo, não o farei porque... já lá estão.

O GENERAL

Cavalheiro!

O CHEFE DA POLÍCIA, *empurrando o General, que cai de costas e fica sentado no chão, confuso*

Deite-se! Deite-se, general!

O JUIZ

Posso arregaçar a toga?...

O CHEFE DA POLÍCIA, *empurrando o Juiz, que cai de costas*

Deite-se! Já que pretende ser reconhecido como juiz, está disposto a sê-lo de acordo com a ideia que eu tenho de um juiz? E segundo o sentido geral relacionado com a vossa dignidade. Bem. Preciso de obter cada vez mais reconhecimento, neste sentido. Está bem ou não está?

Ninguém responde.

Então? Está bem ou não está?

O Bispo, prudentemente, afasta-se.

A RAINHA, *afectada*

Não façam caso ele deixa-se levar pelas suas próprias palavras. Eu é que sei, o que os senhores vêm procurar à minha casa. Vós, Monsenhor por vias rápidas e decisivas, buscais uma evidente santidade. O ouro das minhas casulas valia muito pouco, estou

certa disso. Não, não era a ambição grosseira que vos fazia vir aos meus aposentos. Por detrás disso tudo, estava o amor de Deus. Sei-o muito bem. Vós senhor Procurador, é a preocupação da justiça que vos norteia. É a imagem do homem justiceiro que queríeis ver mil vezes devolvida pelos meus espelhos. E vós, general, é a glória militar, é a coragem e o feito heróico o que vos persegue. Vamos, meus senhores, deixem correr as coisas, calmamente, sem demasiados escrúpulos...

Um após outro, os três homens soltam um imenso suspiro.

O CHEFE DA POLÍCIA

Isso alivia-os, não é? Na verdade, não estavam interessados em sair de vós próprios, nem em comunicar com o mundo, mesmo que através de más acções. Bem os compreendo. *(Amigável.)* Infelizmente, a minha personagem está ainda em movimento. Em suma, como devem saber, não pertence à nomenclatura dos bordéis.

A RAINHA

Ao guia cor de rosa.

É verdade, ao guia cor de rosa. *(Para as Três Figuras.)* Então, meus senhores, não sentem um pouco de piedade por este pobre homem? *(Olha-os um a um.)* Então, meus senhores, esse coração está assim tão seco? Foi para vós que, através de experiências, um tanto às cegas, se ergueram estes salões com os seus Ritos ilustres. Foi preciso um trabalho aturado, uma infinita paciência. Não podeis agora sair deles, assim, sem mais nem menos! *(Quase humilde e parecendo bruscamente fatigado.)* Esperem ainda um pouco. Por enquanto, sinto-me ainda atafulhado de actos a cumprir, atafulhado de acções ... mas quando me vir multiplicado até ao infinito ... então, deixarei de ser duro e irei apodrecer no íntimo das consciências. Nessa altura poderão voltar às vossas saias, se quiserem, e entregarem-se de novo ao trabalhinho. *(Para o Bispo.)* O nosso Bispo cala-se... *(Grande pausa.)* Tem razão... Calemo-nos e aguardemos... *(Uma longa e pesada pausa.)* ... Talvez seja agora... *(Em voz baixa e humilde)* que se prepara a minha apoteose...

Nota-se que toda a gente aguarda. Em seguida, de modo

furtivo, e vinda da porta da esquerda, surge Carmen. O primeiro a vê-la é o Enviado, que a aponta à Rainha. A Rainha faz sinal a Carmen para se retirar, mas Carmen avança.

A RAINHA, *em tom baixo*

Tinha proibido que nos importunassem. Que queres tu?

Carmen aproxima-se.

CARMEN

Tentei tocar a campainha, mas a aparelhagem não está boa. Desculpe-me. Preciso de falar com a senhora.

A RAINHA

Está bem, então fala, despacha-te.

CARMEN, *hesitante*

Bem... é que eu não sei se...

A RAINHA, *resignada*

A Corte é a Corte. Falemos em voz baixa.

Inclina ostensivamente o ouvido para Carmen, que lhe segreda algumas palavras. A Rainha dá mostras de ficar perturbada.

A RAINHA

Tens a certeza?

CARMEN

Sim, minha senhora.

A Rainha sai pela esquerda, precipitadamente, seguida de Carmen. O Chefe da Polícia tenta segui-las, mas o Enviado interpõe-se.

O ENVIADO

Sua majestade não pode ser seguida.

O CHEFE DA POLÍCIA

Mas o que é que se passa? Onde vai ela?

O ENVIADO, *irónico*

Bordar. A Rainha borda e não borda... Conhece o estribilho? A Rainha adquire a sua realidade quando se afasta, quando se ausenta, ou quando morre.

O CHEFE DA POLÍCIA

Mas o que se passa lá fora? *(Para o Juiz.)* Sabe alguma coisa de novo?

O JUIZ

Aquilo a que chama lá fora é tão misterioso para nós, como nós somos para o que se passa lá fora.

O BISPO

Procurarei explicar-vos a desolação de todo este povo que julgava libertar-se, revoltando-se. Infelizmente — ou graças a Deus! — jamais haverá um movimento suficientemente poderoso para destruir todo o nosso mundo de imagens.

O CHEFE DA POLÍCIA, *quase a tremer*

Julga portanto que chegou a minha vez?

O BISPO

Não se pode imaginar situação melhor que a sua. Por toda a parte, em todos os lares, em todas as instituições, reina a consternação. Os homens ficaram de tal modo perturbados que a vossa imagem começa a fazer com que duvidem de si próprios.

O CHEFE DA POLÍCIA

Quer dizer que sou para eles a última esperança?

O BISPO

Para eles a última esperança está num naufrágio definitivo.

O CHEFE DA POLÍCIA

Em suma, é como se eu fosse um lago onde eles se vêm mirar?

O GENERAL, *encantado e desatando a rir*

E se eles se debruçarem demasiado, acabarão por cair e morrer afogados. E o senhor ficará cheio de afogados! *(Ninguém*

parece partilhar da sua satisfação.) O que vale é que ainda não se aproximaram muito!... *(Incomodado.)* Aguardemos.

Pausa.

O CHEFE DA POLÍCIA

Acredita realmente que o povo foi tomado duma esperança louca? Acredita que ao perder essa esperança o povo perdeu tudo? Acredita que o povo, perdendo tudo, acabará por perder-se em mim?...

O BISPO

É o que deve acontecer. E em nossa defesa, acredite.

O CHEFE DA POLÍCIA

Quando essa consagração definitiva me for oferecida...

O ENVIADO, *irónico*

Por sua causa, sim, só por sua causa, a Terra deixará de rodar por instantes.

De repente abre-se a porta da esquerda e surge a Rainha, resplandecente.

A RAINHA

Georges!

Cai nos braços do Chefe da Polícia.

Não pode ser! *(A Rainha faz que sim com a cabeça)* Mas onde?... Quando?

O CHEFE DA POLÍCIA, *incrédulo*

Não pode ser! *(A Rainha faz que sim com a cabeça.)* Mas onde?... Quando?

A RAINHA, *comovida*

Ali!... Agora... no salão...

O CHEFE DA POLÍCIA

Estás a divertir-te à minha custa. Eu não ouvi nada.

Ouve-se então uma espécie de carrilhões.

Então sempre é verdade? É por mim que tocam?

Empurra a Rainha e adquire uma pose solene quando os sinos deixam de tocar.

Meus senhores, entrei para a Nomenclatura! *(Para a Rainha.)* Tens realmente a certeza?

Ouve-se novamente o carrilhão, que depois pára.

A RAINHA

Fui eu mesmo que o recebi e introduzi no salão do Mausoléu. O salão que se andava a construir em tua honra. Deixei a Carmen a tratar dos preparativos e corri a prevenir-te. Estou a suar...

Ouve-se novamente o carrilhão, que depois pára.

O BISPO, *sombrio*

Estamos tramados.

O CHEFE DA POLÍCIA

O aparelho funciona. Posso ver?

Dirige-se para a esquerda, seguido da Rainha.

O ENVIADO

Não é costume... É indecente...

O CHEFE DA POLÍCIA, *encolhendo os ombros*

Onde está esse aparelho? *(Para a Rainha.)* Vem ver também.

O Chefe da Polícia coloca-se à esquerda, em frente dum óculo. Depois duma pequena hesitação, o Juiz, o General e o Bispo colocam-se à direita, em frente dum outro óculo, simétrico do primeiro. Em seguida, silenciosamente, o espelho duplo que faz de fundo da cena afasta-se e dá lugar ao interior do salão Especial. Finalmente, o Enviado acaba por resignar-se e vai juntar-se também ao Chefe da Polícia e à Rainha.

DESCRIÇÃO DO SALÃO DO MAUSOLÉU

Qualquer coisa parecida com o interior duma torre — ou dum poço. Podem ver-se as pedras da parede circular. Ao fundo, uma escada. No centro desta espécie de poço, parece encontrar-se um outro poço, donde parte uma outra escada. Nas paredes, quatro coroas de louro, cobertas de crepes. Quando a parede móvel acaba de correr, vê-se Roger no meio da escada, descendo. Carmen parece orientá-lo. Roger está vestido como o Chefe da Polícia, mas como tem calçados coturnos iguais aos das Três Figuras, parece mais alto. Os ombros são também mais largos. Roger desce a escada a compasso de tambor.

CARMEN, *aproximando-se dele e estendendo-lhe um charuto*

Oferta da casa.

ROGER, *pondo o charuto na boca*

Obrigado.

CARMEN, *solícita*

Deste lado acende-se, o outro é que se põe na boca. *(Coloca o charuto na posição correcta.)* É a primeira vez que fuma um charuto?

ROGER

É... *(Pausa.)* Mas não pedi a tua opinião. Estás aqui para me servir. Foi para isso que paguei...

CARMEN

Peço desculpa.

ROGER

O escravo?

CARMEN

Estão a desatá-lo.

ROGER

E ele está ao corrente do que se passa?

CARMEN

De tudo. O senhor é o primeiro, vem inagurar este salão, mas fique sabendo que todos estes cenários podem ser redutíveis a um tema maior...

ROGER

Qual?

CARMEN

A morte.

ROGER, *tacteando as paredes*

Portanto, isto é o meu túmulo?

CARMEN, *rectificando*

O seu mausoléu, senhor.

ROGER

Quantos escravos trabalham aqui?

CARMEN

O povo inteiro. Metade da população trabalha de noite, a outra metade, de dia. Como o senhor pediu, a montanha será toda furada. O interior vai ficar com a complexidade dum ninho de térmitas ou como a basílica de Lourdes. Ainda não sabemos. De fora, não se verá nada. Saber-se-á apenas que a montanha é sagrada, mas por

dentro, os túmulos encaixar-se-ão uns nos outros, os cenotáfios nos cenotáfios, os ataúdes nos ataúdes, as urnas...

ROGER

E isto onde estou o que é?

CARMEN

Uma antecâmara. Uma antecâmara chamada Vale de los Caïdos. *(Dirige-se à escada subterrânea.)* Daqui a pouco, irá descer ainda mais.

ROGER

Não posso então voltar ao ar livre?

CARMEN

O senhor ficaria com a nostalgia do que deixou lá em cima...

Pausa.

ROGER

É verdade que não veio aqui ninguém antes de mim?

CARMEN

A este... túmulo, ou a este... salão?

Pausa.

ROGER

Não há aqui ninguém para dar à língua? A minha farda? O meu postiço?

Junto da lucarna, o Chefe da Polícia volta-se para a Rainha.

O CHEFE DA POLÍCIA

O tipo sabe que eu uso postiço?

O BISPO, *rindo, para o Juiz e para o General*

É o único a não saber que toda a gente sabe.

CARMEN, *para Roger*

Há muito que trabalhamos este tema. Tudo está em ordem. Cabe-lhe agora fazer o resto.

ROGER, *inquieto*

Bem... eu também preciso de me preparar. Tenho de fazer uma ideia do Herói, mas Ele nunca se manifestou muito.

CARMEN

Por isso o trouxemos ao salão do Mausoléu. Aqui há poucas hipóteses para enganos, ou para fantasias.

Uma pausa.

ROGER

Ficarei realmente só?

CARMEN

Tudo aqui está calafetado. As portas são acolchoadas e as paredes também.

ROGER, *hesitante*

E... o mausoléu?

CARMEN, *com vigor*

O mausoléu foi talhado no rocha. A prova é a água que ressuma nas paredes. O silêncio é mortal. Quanto à luz, a obscuridade é de tal modo compacta que os seus olhos conseguirão desenvolver qualidades incomparáveis. O frio, é o da morte. Um trabalho gigantesco acabou por forçar a pedra. Os homens continuam a gemer para que o senhor tenha um nicho de granito. E isso é a melhor prova de que é amado e vencedor.

ROGER

Disseste que os homens gemem? Posso ouvir os gemidos?

Carmen volta-se para um buraco aberto na parede da muralha, do qual sai a cabeça do Mendigo que já apareceu no 8.º Quadro. Agora faz de Escravo.

CARMEN

Aproxima-te!

O Escravo entra rastejando.

ROGER, *observando o Escravo*

É isto?

CARMEN

É belo, não acha? É magro, tem piolhos e chagas. Só sonha em morrer por vós. Quer que o deixe sozinho?

ROGER

Com ele? Não, não. *(Pausa.)* Fica. Tudo se deve passar na frente duma mulher. E para que o rosto duma mulher seja testemunha, eu costumo...

Subitamente, ouve-se um barulho de martelo a bater numa bigorna, e depois um galo a cantar.

Estamos assim tão perto da vida?

CARMEN, *num tom normal, sem afectação*

Torno a repetir-lhe. Aqui tudo está calafetado. Mas os ruídos acabam sempre por se fazerem ouvir. Incomodam-no? A vida a pouco e pouco readquire os seus direitos... como antigamente...

ROGER, *muito triste*

Sim, como antigamente...

CARMEN, *com doçura*

Também lá esteve?

ROGER, *bastante triste*

Estive. Mas tudo foi por água abaixo... E o mais triste é que se costuma dizer: «A revolta era uma coisa fantástica!»

CARMEN

Não vale a pena pensar mais nisso. E deixe de se importar com os ruídos lá de fora. Aliás, está a chover. Uma tempestade caiu sobre a montanha. *(Num tom já falso.)* Aqui está em sua casa. *(Apontando o Escravo.)* Obrigue-o a falar.

ROGER, *para o Escravo e desempenhando o seu papel*

És capaz de falar?... E que mais sabes fazer?

O ESCRAVO, *deitado de barriga para baixo*

Sou capaz de me enrolar sobre mim próprio. *(Agarra no pé de Roger e coloca-o nas suas costas.)* Sei fazer isto... Até sou capaz...

ROGER, *impaciente*

Vamos, fala!

O ESCRAVO

De me enterrar.

ROGER, *chupando o charuto*

De te enterrares? Mas aqui não há lama!

A RAINHA, *falando entre bastidores*

Ele tem toda a razão. Devíamos ter pensado na lama. Numa casa como deve ser... Mas hoje é o primeiro dia e ele veio estrear o salão...

O ESCRAVO, *para Roger*

Todo o meu corpo está enterrado em lama, meu senhor. Livre, só tenho a boca — aberta para vos elogiar, e para soltar os gemidos que me tornaram célebre.

ROGER

Célebre? Mas tu és célebre?

Célebre pelos meus cânticos, senhor. Cânticos que exaltam toda a vossa glória.

ROGER

A tua glória, portanto, acompanha a minha glória. *(Para Carmen.)* Quer ele dizer que a minha reputação depende necessariamente das suas palavras? E... se ele se calasse? Eu deixaria de existir?

CARMEN, *ríspida*

Teria todo o prazer em responder-lhe, mas as suas perguntas não estão previstas nesta encenação.

ROGER, *para o Escravo*

E a ti, quem é que te canta?

O ESCRAVO

Ninguém. Limito-me a morrer.

ROGER

Mas sem mim, sem o meu suor, sem as minhas lágrimas, sem o meu sangue, o que serias tu?

O ESCRAVO

Nada.

ROGER, *para o Escravo*

Com que então, cantas! E que mais fazes tu?

O ESCRAVO

Fazemos o possível para nos tornarmos cada vez mais indignos de vós.

ROGER

Como, por exemplo?

O ESCRAVO

Esforçando-nos por apodrecer de pé. E isso nem sempre é fácil, acreditai. A vida muitas vezes tenta levar a melhor... Mas nós resistimos. E vamos diminuindo um pouco mais em cada...

ROGER

Dia?

O ESCRAVO

Em cada semana.

O CHEFE DA POLÍCIA, *entre bastidores*

É pouco. Com um bocado de mais esforço...

O ENVIADO, *para o Chefe da Polícia*

Silêncio. Deixe-os ir até ao fim.

ROGER

É pouco. Com um bocado de mais esforço...

O ESCRAVO, *exaltado*

Com alegria, Excelência. Sois de tal modo belo, que pergunto a mim próprio se o vosso esplendor é absoluto ou sois, pelo contrário, a sombra das noites absolutas.

ROGER

Isso pouco importa, quando a minha realidade é a realidade das tuas frases.

O ESCRAVO, *arrastando-se na direcção da escada ascendente*

Não tendes boca, nem olhos, nem ouvidos, mas tudo em vós é uma boca que clama, um olhar que surpreende e que vigia...

ROGER

Isso é o que tu vês. E os outros, sabê-lo-ão? A noite conhece-me? E a morte? E as pedras? O que dizem as pedras?

O ESCRAVO, *continuando a arrastar-se e começando a subir as escadas*

As pedras dizem...

ROGER

Fala!

O ESCRAVO, *parando de rastejar, voltado para o público*

O cimento que nos mantém ligadas umas às outras para formar o teu túmulo...

O CHEFE DA POLÍCIA, *voltado para o público e batendo no peito, feliz*

As pedras tratam-me por tu!

O ESCRAVO, *continuando*

Esse cimento é amassado com lágrimas, com escarros e com sangue. Os olhos e as mãos dos pedreiros colaram em nós o desgosto. Pertencemos-te para sempre. E só a ti.

O Escravo recomeça a subir.

ROGER, *cada vez mais exaltado*

Tudo fala de mim! Tudo me respira e me adora! Vivi a minha história para que fosse escrita uma página gloriosa, que depois será lida. O importante é a leitura. *(Mas apercebendo-se de que o Escravo desapareceu, dirige-se a Carmen.)* Mas... onde foi ele?... Onde está ele?

CARMEN

Saiu para cantar. Saiu lá para fora. Para dizer que conduziu os vossos passos... e que...

ROGER, *inquieto*

E que mais? Que mais poderá dizer?

CARMEN

A verdade: que estais morto, ou antes: que não cessais de morrer e que a vossa imagem, como o vosso nome, se repercute até ao infinito.

ROGER

Ele sabe que a minha imagem está em toda a parte?

CARMEN

Inscrita, gravada, imposta pelo medo, em toda a parte.

ROGER

Nas mãos dos estivadores? Nos jogos dos garotos? Nos dentes dos soldados? Na guerra?

CARMEN

Em toda a parte.

O CHEFE DA POLÍCIA, *entre bastidores*

Então sempre ganhei?

A RAINHA, *enternecida*

Sentes-te feliz?

O CHEFE DA POLÍCIA

Foi um bom trabalho, minha filha. A tua casa está como deve ser.

ROGER, *para Carmen*

Está também nas prisões? E nas rugas dos velhos?

CARMEN

Sim.

ROGER

Na curva dos caminhos?

CARMEN

Não se deve pedir o impossível.

O mesmo barulho de há pouco: o galo e a bigorna.

Está a ouvir? Tem de se ir embora. acabou. Para sair, é à esquerda. O corredor...

Novamente o barulho da bigorna, agora um pouco mais forte.

Está a ouvir? O seu tempo terminou. Mas que está a fazer?

ROGER

A vida ao alcance da mão... mas sempre tão longe. Aqui, todas as mulheres são belas... Não servem para mais nada senão para serem belas. Um homem perde-se nelas.

CARMEN, *ríspida*

Tem razão. Em linguagem corrente chamam-nos putas. Mas é melhor ir-se embora...

ROGER

Mas ir para onde? Voltar para a vida? Retomar, como se costuma dizer, as minhas ocupações...

CARMEN, *um pouco inquieta*

Não sei o que o senhor faz e não tenho o direito de saber. Mas agora tem de se ir embora. O seu tempo acabou.

Ruído da bigorna e outros ruídos que identificam actividades: estalar dum chicote, ruído dum motor, etc.

ROGER

Aqui não se perde tempo. Porque é que queres que volte para donde vim?

CARMEN

Já nada tem a fazer aqui...

ROGER

Nem aqui nem lá fora. E quanto ao que tu chamas a vida, as coisas mudaram de feição. Nenhuma verdade era possível... Conhecias a Chantal?

CARMEN, *subitamente aterrada*

Vá-se embora! Depressa!

A RAINHA, *irritada*

Ah, não! Não vou deixar que este tipo comece a arranjar sarilhos nos meus salões! Quem foi que me enviou este fulano? É sempre assim depois das grandes confusões: a choldra acaba sempre por se misturar. Deus queira que a Carmen...

CARMEN, *para Roger*

Vá-se embora! O senhor não tem o direito de me fazer perguntas. Sabe muito bem que os bordéis estão sujeitos a um regulamento apertado e que a polícia nos protege.

ROGER

Não saio! E já que faço de Chefe da Polícia e estou autorizado a sê-lo nestas salas...

CARMEN, *empurrando-o*

O senhor está doido! Não é o primeiro a julgar que tem o poder nas mãos... Venha lá!

ROGER, *desenvencilhando-se*

Se o bordel existe e se tenho o direito de cá vir, é justo que possa levar o personagem que escolhi até ao limite máximo do seu destino... do meu, quero eu dizer... é justo que confunda o seu destino com o meu...

CARMEN

Por favor, não grite. Os outros salões estão ocupados. Venha...

ROGER

Nada! A mim, já não me resta nada! Mas ao Herói pouca coisa restará também...

Carmen tenta obrigá-lo a sair. Abre uma porta e em seguida outra, e outra ainda... mas engana-se. Roger puxa duma navalha e, de costas para o público, faz o gesto de se castrar.

A RAINHA

Em cima dos meus tapetes! Em cima da carpete nova! Aquele homem está doido!

CARMEN, *gritando*

Não pode fazer isso aqui! *(Grita.)* Minha senhora! D. Irma!

Finalmente, Carmen consegue levar consigo Roger. A Rainha sai a correr. Os outros personagens: Chefe da Polícia, Enviado, Juiz, General, Bispo, voltam-se e abandonam os óculos. O Chefe da Polícia avança para o centro da cena.

O CHEFE DA POLÍCIA

Boa tirada. O tipo julgou que estava na minha pele!

Leva a mão à braguilha, toma o peso aos testículos e, descansado, solta um suspiro.

Os meus estão aqui. Qual dos dois é que está tramado? Ele ou eu? A minha imagem pode ser castrada em qualquer bordel do mundo, mas a mim, ninguém mos corta! A mim ninguém mos corta, meus senhores! *(Pausa.)* Esse canalizador não sabia representar, é o que é! *(Gritando, alegre.)* Irma! Irma!... Onde se meteu ela? Não lhe cabe a ela ir fazer os pensos!

A RAINHA, *entrando*

Georges! Como ficou a entrada! Os tapetes estão num mar de sangue e o vestíbulo cheio de clientes... Estão a limpar o mais que podem e a Carmen já não sabe onde meter os fregueses...

O ENVIADO, *inclinando-se perante o Chefe da Polícia*

Belo trabalho.

O CHEFE DA POLÍCIA

Uma imagem da minha pessoa vai perpetuar-se em segredo. Mutilada? *(Encolhendo os ombros.)* Estou-me nas tintas. Será rezada uma missa à minha glória. Previnam as cozinhas! Quero que me preparem comezaina para dois mil anos!

A RAINHA

Georges! E eu? Eu estou ainda viva!...

O CHEFE DA POLÍCIA, *sem a ouvir*

Vamos a saber... Onde estou eu? Aqui ou... lá em baixo, para sempre? *(Aponta*

o *túmulo.)* A partir de agora vou poder ser bom... e piedoso... e justo... Viram? Vocês viram-me? Ali em baixo, mesmo agora, maior que grande, mais forte que forte, mais morto que morto? Nada mais tenho a ver com vocês todos.

A RAINHA

Georges! Mas eu ainda te amo!

O CHEFE DA POLÍCIA, *dirigindo-se para o túmulo*

Ganhei o direito de me ir sentar e de esperar dois mil anos. *(Para os fotógrafos.)* E vocês vão fixar-me vivo e morto. Para a posteridade: fogo! *(Três flashes quase simultâneos.)* Ganhei!

O Chefe da Polícia entra no túmulo, recuando, muito lentamente, enquanto os três fotógrafos, desenvoltos, saem pelos bastidores da esquerda, com as máquinas às costas. Fazem um gesto de adeus, antes de desaparecerem.

A RAINHA

Mas fui eu que fiz tudo, que organizei tudo... Não te vás embora... O que é que...

Nisto ouve-se uma rajada de metralhadora.

Estás a ouvir?

O CHEFE DA POLÍCIA, *rindo à gargalhada*

Pensem em mim!

O Juiz e o General correm para o reter, mas as portas começam a fechar-se, enquanto o Chefe da Polícia desce os primeiros degraus. Nova rajada de metralhadora.

O JUIZ, *agarrado à porta*

Não nos deixe sozinhos!

O GENERAL, *sombrio*

Sempre a maldita carruagem!

O ENVIADO, *para o Juiz*

Tire daí os dedos, ainda fica entalado!

A porta fecha-se. Os personagens restantes ficam como que desamparados. Nova rajada de metralhadora.

A RAINHA

Sois livres, meus senhores...

O BISPO

Agora... assim... em plena noite?

A RAINHA, *interrompendo-o*

Podem sair pela porta pequena que dá para a viela. Está um carro à vossa espera.

Inclina a cabeça num gesto de saudação. As Três Figuras saem pela direita. Nova rajada de metralhadora.

A RAINHA

Quem são? Os nossos... ou os revoltosos?... Aonde?...

O ENVIADO

Alguém que sonha, senhora...

A Rainha dirige-se a diversos pontos do quarto e manipula vários interruptores. As luzes vão-se apagando uma a uma.

A RAINHA, *continuando a dar aos interruptores*

... D. Irma. Chame-me D. Irma e volte para casa. Boa noite.

O ENVIADO

Boa noite, D. Irma.

Sai.

IRMA, *só, e continuando a apagar as luzes*

As luzes que serão precisas! Mil francos de electricidade por dia!... Trinta e oito salões!... Todos eles dourados e todos eles aptos a encaixarem-se uns nos outros, a combinarem-se... E todas estas representações para que eu fique sozinha, dona e sub-

-dona desta casa e de mim própria... *(Vai apagar mais uma luz, mas reconsidera.)* Não, esta pertence ao túmulo, e ele precisa de luz e comida para dois mil anos!... *(Encolhe os ombros.)* Enfim, tudo está preparado, os pratos já estão confeccionados: a glória está em descer ao túmulo com toneladas de comezaina!... *(Chama, voltada para os bastidores.)* Carmen!... Carmen!... Fecha bem as portas, rapariga, e põe as coberturas... *(Continua a apagar as luzes.)* Daqui a pouco é preciso começar tudo outra vez... acender novamente tudo... vestir tudo de novo... *(Ouve-se o canto dum galo.)* Ah, todo este vestuário, todos estes disfarces! Voltar a distribuir os papéis... enfiar o meu... *(Pára a meio do palco, virada para o público.)* ... preparar o vosso... juizes, generais, bispos, camareiros, revoltosos que deixam fugir a revolta, preciso de preparar o guarda--roupa e os salões para amanhã ...e vocês, precisam de voltar às vossas casas onde tudo, tenham a certeza, será ainda mais falso do que aqui... Têm de se ir embora... Podem sair pela direita, que dá para a viela... *(Irma apaga a última luz.)* Está a amanhecer.

Rajada de metralhadora.

PANO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA NUNES, LDA.
PARA A EDITORIAL PRESENÇA LDA.

ABRIL / 1976

Tiragem 2 500 exemplares